

Game Boliche da Desinformação: nova ordem global baseada em geopolítica 'mafiosa'

Como funciona a narrativa ideológica a partir do Jogo dos 10 Pinos e a
Máquina de Poder político-econômico de Trump-Bannon em Escala Global

Por Geraldo A. Seabra¹

Resumo:

O artigo "*Game Boliche da Desinformação: nova ordem global baseada em geopolítica 'mafiosa'*" explora como a desinformação estruturada se tornou uma ferramenta central na disputa pelo poder político e econômico em escala global. Utilizando a metáfora do Jogo dos 10 Pinos, analisamos a estratégia desenvolvida por Donald Trump e Steve Bannon, baseada na disseminação de mentiras massivas e repetitivas, com o objetivo de confundir a opinião pública, desacreditar a imprensa e legitimar discursos populistas. Esta pesquisa científica investiga a relação entre big techs, algoritmos de recomendação e manipulação de narrativas, demonstrando como a guerra da informação está diretamente ligada à geopolítica e à ascensão de novas formas de autoritarismo digital. O estudo também discute o papel do judiciário tendencioso na legitimação dessas narrativas e apresenta possíveis soluções regulatórias para conter a erosão da verdade.

Palavras-chave: desinformação, populismo, Steve Bannon, Trump, guerra da informação, geopolítica digital.

Abstrat:

The article "*The Bowling Game of Disinformation: A New Global Order Based on 'Mafia-Style' Geopolitics*" examines how structured disinformation has become a central tool in the global struggle for political and economic power. Using the 10-Pin Bowling Game metaphor, we analyze the strategy developed by Donald Trump and Steve Bannon, which relies on the mass dissemination and repetition of falsehoods to confuse public opinion, discredit the press, and legitimize populist narratives. This research explores the intersection between big techs, recommendation algorithms, and narrative manipulation, showing how the information war is intrinsically linked to geopolitics and the rise of new forms of digital authoritarianism. The study also discusses the role of a biased judiciary in legitimizing these narratives and presents potential regulatory solutions to counteract the erosion of truth.

Keywords: disinformation, populism, Steve Bannon, Trump, information warfare, digital geopolitics.

Introdução

Este presente artigo aborda o dilema incontroverso de que a desinformação e o poder *das big techs* não são apenas meras questões comerciais, mas também estratégicas de (re) conquista

¹ Jornalista, professor, escritor e mestre em comunicação social e *games* como emuladores de notícia.

de poder político-econômico em escala global, inaugurando o chamado *Digital Colonialism*². Nessa nova geopolítica mundial, Donald Trump e seu guru ideológico Stephen (Steve) Bannon utilizam a *Metáfora do Boliche* como motor narrativo de propagação ideológica dos valores do supremacismo³, para colocar em prática seus planos de poder político e econômico a partir de um simples *slogan* de campanha de Ronald Reagan nas eleições presidenciais americanas de 1980: *‘Torne a América Grande Novamente’*. Após quase 40 anos, Donald Trump adaptou o bordão de Reagan para MAGA⁴ durante a campanha presidencial de 2018, alçando-o pela primeira vez ao cargo de presidente dos Estados Unidos, situação que se repetiria 8 anos depois quando o trumpismo⁵ foi novamente erguido ao maior posto de comando do país, usando o mesmo *slogan* vencedor. Por trás da ideologia MAGA existe uma maquinaria de inversão de valores culturais baseada na mentira disseminada em massa. E isso só foi possível via poder “desigual” e “tendencioso” das *big techs*. No processo de algoritmização das redes⁶, entra em cena o chamado *‘Game Boliche da Desinformação’*, numa metáfora alusiva ao jogo dos 10 pinos⁷. Nessa nova ordem global baseada em uma *geopolítica mafiosa*⁸, os pinos representam a disseminação diária de *fake news* de forma intencional pelos grupos de interesse. Já a bola do boliche representa a figura da imprensa, que em primeiro lugar age como um monólito previsível, reforçando narrativas falsas ao invés de desconstruí-las. Nesse tabuleiro midiático turvado, a imprensa funciona como uma espécie de *newsroom* global de “lavagem de mentiras”, em alusão à lavagem de dinheiro realizada por mafiosos tradicionais. Assim, a imprensa atua de forma reativa reforçando narrativas, exatamente como desejam os estrategistas da desinformação e da mentira intencional. Em segundo lugar, ao propagar a repetição de mentiras em canais oficiais supostamente respeitados e confiáveis, a imprensa tradicional legitima aos olhos do público falsas narrativas, colocando em xeque um velho poder da imprensa construído ao longo dos últimos 100 anos: o de evitar o erro de cobrir desinformação sem contextualizar sua origem e intencionalidade. Para garantir “credibilidade” nessa nova geopolítica global, a Era dos *Dons Corleones*⁹ na política internacional lança mão de

² *Digital Colonialism* é alvo de análise no livro homônimo “*Digital Colonialism : How the New Data Giants Are Colonizing the Global South*” de Nick Couldry e Ulises Mejias, no qual seus autores exploram como plataformas digitais dominam economias emergentes que compõem o chamado Sul Global, transformando relações de poder globais com graves repercussões em países como o Brasil.

³ Supremacismo é a crença de que um determinado grupo de pessoas é superior a todos os outros. Supremacismo implica as formas particulares de crença na superioridade ou domínio natural de uma categoria de seres sobre outras, simplesmente porque alguém pertence ou se supõe pertencer a esta categoria, real ou suposta, refletindo-se na prática através da imposição de uma elite na frente de outras comunidades que são legal ou factualmente discriminadas.

⁴ *Make America Great Again* (em português: *Torne a América Grande Novamente*), abreviado como MAGA, é um *slogan* de campanha adotado em campanhas presidenciais nos Estados Unidos que originou-se durante a campanha presidencial de Ronald Reagan na eleição presidencial em 1980, mas que foi por Donald Trump

⁵ *‘Trumpismo’* é um termo para as ideologias políticas, emoções sociais, estilo de governança, movimento político e conjunto de mecanismos para adquirir e manter o controle do poder associado a Donald Trump e sua base política.

⁶ O conceito de “redes” aqui é ampliado e vai além das redes sociais (abertas e fechadas) como conhecemos e comandadas pelas *big techs*. Trata-se de toda forma de ferramenta em rede digital capaz de alterar o juízo (opinião pública) a partir de mecanismos (ex: chips de inteligência artificial) que possibilitam a manipulação intencional de dados disponibilizados para favorecer politicamente e economicamente alguns grupos de poder, principalmente nos Estados Unidos.

⁷ Acessado no link: <https://jogarboliche.com.br/regras-do-boliche/>

⁸ O conceito de *‘geopolítica mafiosa’* descreve um modelo de atuação política no qual líderes utilizam mecanismos estatais para beneficiar grupos específicos de empresários e aliados, operando de maneira similar a organizações criminosas.

⁹ Em sua matéria de capa *‘Era Don Corleone’*, a revista britânica *The Economist* analisa que a união de Trump com dois de seus maiores rivais na geopolítica mundial (Rússia e Coreia do Norte) para votar contra uma resolução na ONU sobre a guerra da Ucrânia não foi um episódio isolado, mas uma nova ordem mundial focada numa abordagem “mafiosa”. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/27/revista-the-economist-diz-que-trump-lidera-nova-ordem-global-focada-em-geopolitica-mafiosa.ghtml>

especialistas de fachada (*think tanks*¹⁰) e redes sociais tendenciosas para dar respaldo às narrativas falsas por (re) conquista de mais poder político e econômico.

1- Regras do Boliche e suas Relações com os Jogos de Poder Político

No boliche, um jogo padrão tem 10 *frames*, mas no 10º *frame*¹¹ é possível jogar até três bolas se o jogador fizer um *strike*¹² ou um *spare*¹³, resultando em 12 jogadas no total para um jogo perfeito (300 pontos). Caso o jogador não derrube todos os 10 pinos nas duas tentativas, dizemos que o *frame* ficou “aberto”. Quando a primeira bola de uma jogada derruba o pino 1, mas deixa dois ou mais pinos que não são próximos, chamamos isso de *split*. Nesse caso, é trabalhoso conseguir um *spare*, especialmente se tiver um *split* dos pinos 7-10, o mais difícil de ser acertado, porque há um ângulo perfeito de contato pino para se conseguir um *strike*.



As *imagens* de 10 pinos do boliche e o ângulo perfeito para se fazer um *strike*.

Algoritmo Perfeito do *Strike* para Alcance da Mentira Intencional

Sob a ótica da *Metáfora do Boliche*, a imagem do ângulo perfeito sintetiza o mecanismo do efeito dominó dos pinos — representando a mentira intencional lançada diariamente. A trajetória ideal da bola simboliza a cobertura monolítica da imprensa no confronto com os pinos da mentira, conduzindo-a à execução de um *strike* perfeito: o momento em que os efeitos da mentira são amplificados a ponto de redirecionar posições políticas em favor dos jogadores (políticos). Essa metáfora aplicada ao contexto das *fake news* reflete um “algoritmo de impacto total”, no qual a desinformação é estrategicamente posicionada para que, ao ser atingida no ponto certo (pino 1), a bola (imprensa como bloco homogêneo) desencadeie uma sequência de eventos (im)previsíveis, espalhando a narrativa desejada. Assim, os lançadores da mentira maximizam sua influência, moldando percepções e decisões conforme seus interesses escusos.

A Relação do X do *Strike* com o X da Rede Social de Musk

¹⁰ *Think tank* é uma organização que cria e dissemina conhecimento sobre diversos temas, como política, economia, saúde, segurança e ciência. É uma ponte entre os centros de ensino e as comunidades responsáveis por colocar em prática os estudos desenvolvidos. O conceito de *think tank* faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais.

¹¹ *Frame* tem como representação gráfica o símbolo do parênteses) ; o *frame* refere-se a uma partida é formada por dez rodadas e, em cada uma delas, o jogador tem direito a até dois arremessos.

¹² A regra é que quando todos os dez pinos são derrubados no primeiro arremesso do *frame* é *strike* — representado no *score* como X . Se o jogador consegue o *strike* em sua primeira chance, não precisa de uma segunda oportunidade nesse mesmo *frame*.

¹³ No caso de ele usar as duas chances que o *frame* oferece para derrubar todos os pinos, ele faz o que é denominado no boliche de *spare* — cuja representação gráfica é / . É possível que o jogador derrube sete pinos na primeira chance e os outros três na seguinte — ou seja, ele fez um *spare*.

A relação entre o "X" do *strike* no boliche e a rede social "X" de Elon Musk vai além da coincidência do nome. A letra "X" tem sido uma marca recorrente nos empreendimentos de Musk, desde o X.com (precursor do PayPal) e a X Corp.(ex-razão social do Twitter) até a SpaceX. Musk utiliza o grafema como um símbolo de inovação radical e disrupção. No caso da plataforma "X", ex-Twitter, a ideia parece ser transformar a rede social em um ecossistema¹⁴ completo — chamado por Musk como “o app de tudo” —, incorporando pagamentos, inteligência artificial e outras funcionalidades, assim como um jogador de boliche mira não apenas em um único pino, mas na jogada perfeita. Mas qual sua relação com a *Metáfora do Boliche* a partir da qual este artigo foi inspirado? Ambos simbolizam uma tentativa de causar impacto total: no boliche, o *strike* representa o máximo desempenho, derrubando todos os pinos de uma só vez. Já na rede social, Musk busca um domínio absoluto da comunicação digital, eliminando concorrentes e reformulando o conceito de mídia social, colocando em prática a *ideia supremacista do pensamento único* que garantiria ao bilionário e seus seguidores mais poder político e econômico, vide eleição de Trump pela segunda vez. Por outro lado, assim como um *strike* pode ser difícil de replicar constantemente, Musk enfrenta desafios para converter o "X" em um sucesso absoluto. Em 2024, o *rebranding da marca*¹⁵ gerou confusão e resistência, assim como uma tentativa malsucedida de *strike* pode deixar pinos estratégicos de pé. Ainda assim, Musk aplicou duas máximas que se infere a partir do filme *O Jogo da Imitação* (2014), inspirado na vitória dos Aliados na II Guerra Mundial: *maximização estratégica* e *minimização de perdas*. No final das contas, o que importa é vencer: Musk se tornou em 2025 o homem forte do presidente dos EUA, Donald Trump, apenas três anos após ter adquirido o Twitter (2022) por US\$ 44 bilhões. Mas até os poderosos enfrentam reveses. E coube ao filho X de Musk reafirmar que o poder pode ser enganador. Durante uma coletiva de imprensa no Salão Oval, o *Garoto X*¹⁶ disparou contra Trump:

— “Eu quero que você cale a sua boca!” “Você não é o presidente, precisa ir embora. Cala a merda da sua boca!”¹⁷ (**Garoto X, de 4 anos, filho de Elon Musk**)

Metáfora do Garoto X e a Técnica do Aparecimento Súbito

Diante de uma Casa Branca estupefata, o vídeo viralizou nas redes sociais e críticos de Trump comentaram que o *garoto X* disse o que muitos opositoristas gostariam de dizer. Ironicamente, o *Garoto X* deu uma pista sobre como contrapor narrativas baseadas em pinos de mentira: surpreender os algozes da democracia com narrativas surpreendentes. Mas que tipo de narrativa ainda teria o poder de desestabilizar os arquitetos da manipulação denunciados na *Metáfora do Boliche*? Para Seabra & Santos (2012-14), apenas os *games*, como emuladores de informação e notícias, seriam capazes desse feito. Colocada dessa forma, conclui-se que os *games*, enquanto mera diversão, ainda terão longa vida por alimentar essa *cultura da dissimulação* da qual fazem parte Trump, Bannon, Musk e os donos de *big techs*.

Nesse contexto, a *Metáfora do Garoto X* emerge das consequências provocadas pelo simples ato de causar surpresa. Essa técnica utilizada pelo *Garoto X* — ainda que ele nem soubesse de

¹⁴ Acessado no link: <https://olhardigital.com.br/2023/04/11/pro/twitter-mudou-de-nome-entenda/>

¹⁵ Acessado no link: <https://tecnologia.ig.com.br/2023-07-24/twitter-muda-logo-agora-se-chama- apenas-x-entenda.html>

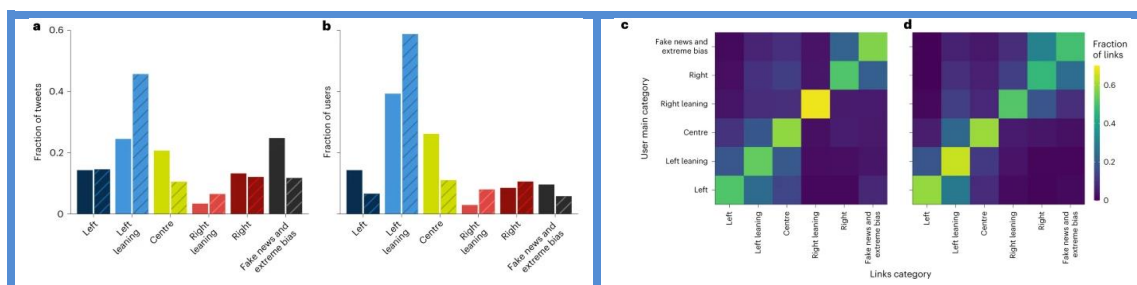
¹⁶ Acessado no link: <https://x.com/folha/status/1890110510105755760>

¹⁷ Acessado no link: https://x.com/search?q=from%3Abelemtransito%20filho%20de%20trump&src=typed_query

sua existência — já havia sido abordada no artigo publicado no *Webinsider*¹⁸ (2012). Mas o que realmente importa aqui é entender a essência da chamada "*Técnica do Aparecimento Súbito*"¹⁹, amplamente utilizada pelos desenvolvedores de *videogames* até hoje. Essa estratégia "*surpresa como mecânica de retenção*" foi bastante estudada por Raph Koster (2013), e consiste em surpreender os jogadores ao longo da narrativa, prendendo sua atenção e, ao mesmo tempo, dificultando sua progressão no jogo. No subtítulo do artigo "*Desvendando Segredos Narrativos dos Videogames*"²⁰ (item 5), Seabra & Santos (2012-14) afirmam que essa técnica promove aprendizado e retenção de informação por meio do impacto cognitivo da surpresa. Mas agora se constata que há algo ainda mais profundo: essa mesma lógica pode ser aplicada contra o *jogo político da desinformação*. No contexto do "*Game Boliche da Desinformação*", engendrado pela dupla Trump-Bannon e replicado por populistas de direita ao redor do mundo, a *técnica do aparecimento súbito* funciona como "*bolas de prata*" no boliche da dissimulação político-ideológica: ações inesperadas que derrubam pinos de mentiras intencionais, conforme sugerido na *Metáfora do Boliche*. Na política real, um exemplo claro dessa subversão do jogo ocorreu quando Emmanuel Macron, de forma inesperada, declarou que a França poderia colocar sua bomba atômica à disposição dos aliados europeus, incluindo a Ucrânia de Zelensky. O anúncio, feito dois dias após Trump acusar a Ucrânia de querer provocar a Terceira Guerra Mundial, foi um verdadeiro xeque-mate narrativo. Uma jogada de mestre, diretamente inspirada na técnica dos *videogames*, que mudou as regras da disputa geopolítica no tabuleiro global. Logo, diante da resposta inesperada de Macron (pinos de verdade real) e aceita pela mesma cobertura da imprensa monolítica (bola do jogo midiático), a *Metáfora do Boliche* acaba funcionando para os dois lados do *jogo politizado*: serve tanto para "*lavar mentiras*" quanto para "*reportar verdades*".

2 - O Papel da Imprensa na 'Lavagem de Fake News'

Segundo Flamino, J., Galeazzi, A., Feldman, S. et al.(2023), a disseminação de *fake news* e a *polarização político-ideológica* ocorre através das *redes sociais* e campanhas coordenadas de desinformação. No conjunto de dados levantados pela pesquisa²¹ (2016), que envolveu diversos centros de pesquisa (USA, Suíça, Itália e China), 30,7 milhões de *tweets*, enviados por 2,3 milhões de usuários, contêm uma *URL* direcionada a um *site*. Já o conjunto de dados de 2020 continha 72,7 milhões de *tweets* com *links* de notícias enviados por 3,7 milhões de usuários.



A **figura** com distribuição de notícias entre 2026 e 2020 por perfil político-ideológico.

¹⁸ Acessado no link: <https://webinsider.com.br/2012/04/05/newsgames-uma-ferramenta-de-ensino-inovadora-parte-ii/>

¹⁹ A '*Técnica do Aparecimento Súbito*' consiste na estratégia de buscar surpreender os jogadores ao longo da narrativa, prendendo sua atenção e, ao mesmo tempo, dificultando sua progressão no jogo.

²⁰ Acessado no link: <https://webinsider.com.br/2012/04/05/newsgames-uma-ferramenta-de-ensino-inovadora-parte-ii/>

²¹ Acessado no link: <https://www.nature.com/articles/s41562-023-01550-8?fromPaywallRec=false>

Esse número revela uma queda na fração de *tweets* que fluíam de usuários que propagavam *links* de notícias, de 18% em 2016 para 10% em 2020, redução que coincidiu com ano não eleitoral. No entanto, o fenômeno das *fake news* deixou de ser uma primazia das redes sociais: a grande imprensa, principalmente no EUA, também passou a desempenhar um papel crucial na legitimação e amplificação dessas narrativas falsas, um fenômeno que se pode denominar de "*lavagem de fake news*". No Brasil, esse movimento passou a ocorrer mais fortemente após as eleições presidenciais de 2022, quando Lula saiu vencedor pela 3ª vez. A lógica desse processo é simples: mentiras políticas são lançadas estrategicamente e, mesmo quando são refutadas, são repetidas e ganham credibilidade através da mídia tradicional. Isso ocorre porque a imprensa, ao tentar ser "neutra", frequentemente coloca desinformação e verdade no mesmo nível, sem contextualizar o dano das falsas alegações.

Fake News e o Capitalismo de Vigilância

Em *The Age of Surveillance Capitalism*, Shoshana Zuboff descreve como as plataformas digitais monetizam dados pessoais e manipulam a informação para fins políticos e econômicos. Esse modelo se encaixa perfeitamente no fenômeno da lavagem de fake news, pois as empresas jornalísticas, dependentes de algoritmos para engajamento, acabam reforçando desinformação ao disputar atenção nas redes sociais. Segundo Zuboff (2019, p. 110), "a economia da vigilância prospera não apenas ao prever nosso comportamento, mas ao moldá-lo, utilizando informações que circulam sem controle. "A imprensa, ao tentar cobrir factualmente uma declaração falsa de um líder populista, muitas vezes a repete e a reforça, sem perceber que está construindo a própria relevância da mentira" (Zuboff, 2019). Ao invés de combater desinformação, a imprensa muitas vezes a reforça involuntariamente, tornando-se um agente involuntário da "*lavagem de fake news*". Esse fenômeno é impulsionado por:

1. **A lógica do capitalismo de vigilância**, que prioriza engajamento, não verdade.
2. **O modelo de comunicação imperial**, que estrutura poder através da informação.
3. **A estratégia política da desinformação**, que utiliza a mídia como ferramenta.
4. **A amplificação algorítmica**, que transforma mentiras em narrativas dominantes.

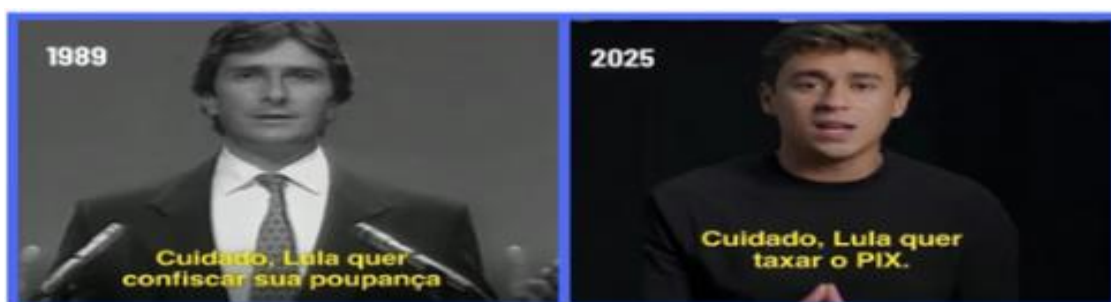
O Império Digital e a Manipulação da Verdade

No livro *Empire*, Michael Hardt e Antonio Negri explicam como o poder imperial moderno não se limita mais ao controle territorial, mas se manifesta através de redes de comunicação e dominação informacional. A mídia, ao ser integrada nessa lógica, não apenas informa, mas também estrutura o poder e reforça discursos hegemônicos. Para Hardt & Negri (2000, p. 29), "o novo império não precisa de exércitos físicos para expandir sua influência, mas de sistemas de comunicação e legitimação ideológica." Dessa forma, a imprensa pode se tornar uma ferramenta para a perpetuação de narrativas falsas, legitimando-as involuntariamente ao integrá-las no fluxo informacional cotidiano. Quando ela o faz de forma intencional, voltamos ao livro 1984 de George Orwell²², cuja ficção retrata a população de Londres vivendo sob o manto do totalitarismo, sem que houvesse alguém suficiente capaz de livrá-la das mazelas da submissão total.

²² 1984, escrito por George Orwell e publicado em 1949, é um dos livros mais famosos de todos os tempos. Trata-se de uma distopia que se passa em Londres, no ano de 1984, retratando um regime totalitário no qual a população é vigiada constantemente.

3 - O Processo de Legitimação de Mentiras Intencionais

Na era dos *Dons Corleones* na geopolítica global, a desinformação não se limita à sua disseminação inicial; para ser efetiva, ela precisa ser legitimada. Esse processo envolve instituições midiáticas, redes sociais, influenciadores políticos e até mesmo *órgãos estatais*, que, muitas vezes sem perceber, acabam validando falsas narrativas. A legitimação de mentiras não ocorre por acaso. Líderes populistas e grupos estratégicos utilizam táticas sistemáticas para transformar desinformação em "verdade", reforçando narrativas através de repetições, manipulações emocionais e estruturas institucionais que confundem o público e enfraquecem o conceito de realidade compartilhada.



A *imagem* do ex-ppresidente Fernando Collor (1989) de Melo e do deputado Nikolas Ferreira (2025).

Assim como ocorre na lavagem de dinheiro, a legitimação de mentiras passa por um processo de oficialização de notícias falsas. No caso do dinheiro sujo, os criminosos usavam (usam) “*laranjas*”, ou pessoas que cediam seus CPF’s para fazer a guarda de grandes somas de recursos escusos. Agora, essa lavagem de dinheiro é feita através de *fintechs*²³ (bancos digitais). Esse esquema foi alvo de delação do então empresário Vinícius Gritzbach, morto no Aeroporto de Guarulhos no final de 2024. No entanto, no episódio de *fake news* em massa sobre o PIX, a narrativa vencedora em vídeo viralizado à época — publicação²⁴ atingiu mais de 100 milhões de visualizações em menos de 24h — foi do deputado *Nikolas Ferreira* (PL-MG) de que o governo queria taxar a nova forma de pagamento digital, quando na verdade o intuito do governo era combater justamente esse tipo de crime pelo fato dessas *fintechs* não serem obrigadas (como os bancos tradicionais são) a declarar ao sistema financeiro nacional as movimentações realizadas. No entanto, cerca de dois meses após esse episódio, o Banco Central do Brasil²⁵ anunciou o cancelamento de 8 milhões de contas do PIX por conter algum tipo de irregularidade junto à Receita Federal do Brasil. Ou seja, CPF’s (Cadastro de Pessoas Físicas) que poderiam estar sendo usados para cometer fraudes *online* e lavagem de dinheiro do crime organizado.

O Uso da Imprensa e Sua Legitimação

²³ Alvo de uma operação da Polícia Federal contra fintechs que lavam dinheiro inclusive por meio do Bolsa Família para a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), o policial civil Cyllas Salerno Elia Júnior já havia sido preso em novembro do ano passado por comandar a 2GO, empreitada acusada de desviar cerca de R\$ 4 bilhões. Link de acesso: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/02/25/gritzbach-delatou-como-fintech-comandada-por-policial-presos-eram-usados-para-lavar-dinheiro-para-o-pcc.ghtml>

²⁴ Acessado no link: <https://www.correio24horas.com.br/brasil/video-de-nikolas-ferreira-sobre-pix-viraliza-nas-redes-veja-o-que-e-fato-e-fake-0125>

²⁵ Acessado no link: <https://vocesa.abril.com.br/sociedade/8-milhoes-de-cpfs-terao-chaves-pix-excluidas-por-irregularidades-com-a-receita-federal/>

Ao cobrir desinformação como "*ponto de vista*", a imprensa e seu exército de jornalistas contribuem, involuntariamente ou não, para sua aceitação. Em *Empire*, Hardt e Negri explicam que "*o poder contemporâneo não impõe verdades, mas gerencia narrativas*." Ao buscar "neutralidade", a *mídia cria uma falsa equivalência entre fato e mentira*, permitindo que falsidades sejam tratadas como opiniões legítimas. De acordo com Hardt & Negri (2000, p. 201), "os meios de comunicação modernos *não operam como árbitros da verdade*, mas como agentes de uma rede maior de controle da informação." Isso explica por que narrativas falsas, mesmo quando desmentidas, continuam a circular: a mera exposição repetida lhes dá credibilidade.

Como a Legitimação da Mentira Intencional Acontece

No livro *The Big Nine: How the Tech Titans and Their Thinking Machines Could Warp Humanity*, Amy Webb²⁶ explica que a IA e os algoritmos de recomendação das redes sociais amplificam mentiras, organizando conteúdos para maximizar engajamento. No caso de da estratégia ideológica Trump-Bannon, essa amplificação ocorre de três formas:

1. **Redes sociais e bots** – Contas automatizadas espalharam conteúdos distorcidos sobre o caso, reforçando a versão trumpista dos fatos.
2. **Mídia tradicional** – Mesmo tentando ser imparcial, a imprensa repetiu as alegações, criando uma falsa equivalência entre os lados.
3. **Instituições políticas** – Republicanos no Congresso ecoaram a narrativa de Trump, transformando uma mentira pessoal em um discurso partidário.

Para Webb (2019, p. 145), "se uma mentira for repetida por múltiplas fontes, ela deixa de parecer um truque político e se transforma em *realidade alternativa*." Na campanha de desinformação de Trump, Green destaca como Bannon utilizou canais alternativos, como *Breitbart News*, para dar legitimidade a alegações sem base factual. Segundo Green (2017, p. 145), "a estratégia era criar múltiplas fontes de informação falsas, para que parecessem diversas e independentes, quando na verdade todas estavam coordenadas." A China, por outro lado, segue um modelo diferente: a legitimação da mentira ocorre pelo controle estatal da informação. Como Webb explica, o governo chinês não permite a circulação de fatos inconvenientes ao regime, garantindo que apenas narrativas oficiais sejam aceitas como verdade, haja vista a censura sobre o massacre ocorrido na Praça da Paz Celestial (Pequim), em 1989. Diante de tanta desinformação, até hoje não se sabe ao certo o número de mortos na tragédia. As estimativas de civis mortos variam entre 400-800, segundo o jornal *The New York Times*²⁷, e cerca de 10.000, de acordo com informações da Cruz Vermelha chinesa²⁸.

4 - O Jogo dos 10 Pinos: Trump-Bannon e a Estratégia da Repetição

O ex-estrategista de Donald Trump, Steve Bannon, entendeu como a imprensa funciona e como pode ser usada para amplificar mentiras intencionais. Bannon mesmo descreveu essa

²⁶ Amy Lynn Webb é uma futurista americana, autora, fundadora e CEO do Future Today Institute. É professora de previsão estratégica na *Stern School of Business da Universidade de Nova York*, e foi investigadora visitante do Nieman em 2014–15 na Universidade de Harvard.

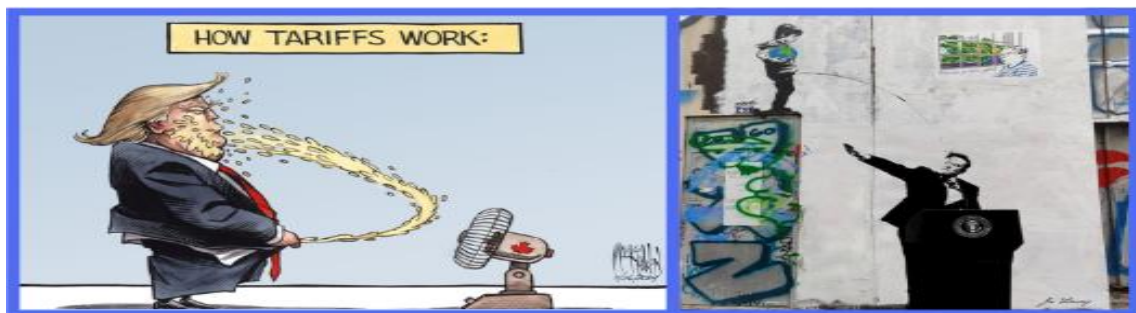
²⁷ Acessado pelo link: <https://www.nytimes.com/1989/06/21/world/a-reassessment-of-how-many-died-in-the-military-crackdown-in-beijing.html>

²⁸ Acessado pelo link: <https://www.nytimes.com/1989/06/21/world/a-reassessment-of-how-many-died-in-the-military-crackdown-in-beijing.html>

tática como "*flood the zone with shit*" (em português, "inundar o debate com lixo"). No livro *Devil's Bargain*, de Joshua Green, Bannon orienta Trump a *criar uma crise midiática diária*, pois sabia que a imprensa reagiria automaticamente, sem tempo para aprofundamento crítico. Conforme Green (2017, p. 102), "a mídia *mainstream*, sem perceber, se tornou a ferramenta perfeita para a estratégia de Bannon: *transformar desinformação em notícia*." Bingo! Isso reflete exatamente o modelo do *jogo de boliche da desinformação*: lança-se a mentira (bola), a imprensa reage (derruba os pinos), e o ciclo se repete, reforçando a narrativa original. Essa estratégia de poluir o mercado de informação com desinformação em *loop* é evidente no X (ex-Twitter) e Youtube, onde milhares de vídeos e propagandas são reproduzidos à exaustão a cada acesso. Quem ganha sempre? Os poderosos mafiosos! Quem perde sempre? Os fracos desumanizados! Quem coloca luz nesse processo de selvageria humana são Robert I. Simon e Laís Andrade, autores do livro "*Homens Maus Fazem o que Homens Bons Sonham – Um Psiquiatra Forense Ilumina o Lado Obscuro do Comportamento Humano*".

Trump-Bannon e conceito de "geopolítica mafiosa" e o *tarifaço global*

O conceito de "*geopolítica mafiosa*" descreve um modelo de atuação política no qual líderes utilizam mecanismos estatais para beneficiar grupos específicos de empresários e aliados, operando de maneira similar a organizações criminosas. Em vez de recorrer a métodos tradicionais de diplomacia e comércio, esses líderes empregam práticas como extorsão econômica, coerção tarifária (*tarifaço*) e manipulação de políticas regulatórias para favorecer determinados setores, em *troca de apoio político e financeiro*. Donald Trump exemplificou essa estratégia ao impor *tarifas unilaterais* contra países rivais, sob o pretexto de proteger a indústria nacional, quando na realidade estava favorecendo magnatas e corporações que financiavam sua base política. Suas ameaças de sanções econômicas e retaliações comerciais funcionavam como uma forma de "*proteção forçada*" — um modelo típico de organizações mafiosas que exigem lealdade e contribuições em troca de benefícios e imunidade.



As *charges* do presidente Donald Trump e de seu braço direito, Elon Musk.

Além disso, a infiltração de seus aliados em cargos-chave do governo e a manipulação de instituições para deslegitimar opositores consolidaram essa dinâmica, transformando a política externa dos EUA em um *jogo de intimidação e privilégios*. No contexto da *geopolítica mafiosa*, as leis e normas internacionais tornam-se meros obstáculos a serem contornados ou reinterpretados para servir aos interesses do líder e sua rede de influência. Essa lógica não apenas compromete a soberania econômica de outras nações, mas também enfraquece a credibilidade das instituições globais, pavimentando o caminho para um sistema onde a força e o favorecimento substituem regras e tratados.

Tarifaço do Trump, AutoTarifaço do Banco Central e AutoTarifaço do Agro

Desde janeiro de 2023, logo após o presidente Lula ter sido empossado pela 3ª vez como presidente da República, o Brasil tem observado variações significativas nos preços dos supermercados e nas taxas de juros, influenciadas por diversos fatores econômicos e políticos. Por coincidência, o *Autotarifaço do Agro* se intensificou principalmente quando Donald Trump assumiu o cargo de presidente dos EUA pela 2ª vez, em 20 de janeiro de 2025, com altas aceleradas e contínuas no preço do ovo, carne, azeite, café e de produtos à base de farinha de trigo. O grande alvo desse *autotarifaço no Brasil* são os eleitores pobres. Coincidentemente, contra os menos privilegiados historicamente por políticas públicas que se volta a extrema-direita brasileira, que tem justamente o Agro como plataforma de sustentação política e econômica.

Cronologia dos Preços nos Supermercados:

Janeiro de 2023 a Maio de 2023: O Índice de Preços dos Supermercados (IPS)²⁹, calculado pela Associação Paulista de Supermercados (Apas)³⁰ em parceria com a Fipe³¹, registrou uma variação acumulada de 1,84% até maio de 2023, o menor patamar dos últimos cinco anos.

Janeiro de 2024: Uma pesquisa indicou que 48,4% dos brasileiros acreditavam que os preços estavam mais altos.

Julho de 2024: Este número aumentou para 52,4%.

Janeiro de 2025: A percepção de aumento de preços nos supermercados subiu para 65,7% dos entrevistados, mostrando uma tendência crescente de descontentamento com os preços.

Histórico da Taxa Selic do Banco Central:

2023: A taxa Selic iniciou o ano em 13,75% e foi gradualmente reduzida ao longo do ano, atingindo 10,5% em maio de 2024.

Setembro de 2024: O Banco Central aumentou a taxa em 25 pontos base, elevando-a para 10,75%, marcando o primeiro aumento em mais de dois anos, em resposta a uma perspectiva de inflação desafiadora devido a uma atividade econômica mais forte do que o previsto.

Janeiro de 2025: A taxa Selic foi elevada para 13,25%, com o Banco Central sinalizando a possibilidade de novos aumentos caso as pressões inflacionárias persistam.

Relação entre Aumento de Preços, Setor Agropecuário e Bancos

A alta nos preços dos supermercados e o aumento das taxas de juros podem ser atribuídos a uma combinação de fatores econômicos, como inflação, demanda interna e políticas monetárias adotadas para controlar a inflação. Embora não há evidências concretas que associem diretamente essas altas a uma agenda ideológica ou política específica do setor agropecuário ou dos bancos filiados à direita brasileira, é importante considerar que os preços dos alimentos e as taxas de juros são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo condições climáticas, políticas fiscais e monetárias, além de dinâmicas de mercado globais e

²⁹ Acessado no link: <https://apas.com.br/indice-de-precos-dos-supermercados-ips/>

³⁰ Acessado no link: <https://apas.com.br/>

³¹ Acessado no link: <https://www.fipe.org.br/pt-br/indices/>

locais. Entre janeiro de 2023 e março de 2025, houve uma percepção crescente de aumento nos preços dos supermercados, acompanhada por ajustes na taxa Selic pelo Banco Central para conter a inflação. Embora setores específicos possam influenciar a economia, atribuir essas variações a uma agenda ideológica ou política específica requer uma análise mais aprofundada e baseada em evidências concretas.

O Loop Desinformativo como Estratégia de Poder

Dentro dessa *geopolítica mafiosa*, a repetição (*loop*) intencional de desinformação é um dos mecanismos mais eficazes para validar uma mentira intencional. Como Shoshana Zuboff aponta em *The Age of Surveillance Capitalism*, as plataformas digitais favorecem conteúdos que geram engajamento, independentemente da veracidade da informação. Isso significa que mentiras viralizam mais rápido que a verdade, pois são formuladas para ativar *emoções fortes* como *medo, raiva e indignação*. Para Zuboff (2019, p. 92)., "não é necessário que uma mentira seja bem construída para ser acreditada. Basta que seja repetida vezes suficientes para que se torne familiar." Bannon usou essa lógica na campanha de Donald Trump, aconselhando-o a repetir insistentemente falsas alegações sobre *imigração, fraude eleitoral e mídia corrupta*. Segundo Joshua Green, essa estratégia não era apenas retórica, mas sim um método calculado para criar *novas realidades políticas*. "A repetição de uma mentira política não visa enganar todos de uma vez, mas criar um ruído tão intenso que a *própria verdade se torna irrelevante*" (Green: 2017, p. 128).

10 pinos de Mentira Intencional de Trump e as Replicações pela Imprensa Mundial

Antes, durante e após a sua posse em 20 de janeiro de 2025, o presidente Donald Trump fez diversas declarações falsas ou enganosas. Na tabela abaixo, uma compilação contendo 10 “pinos” com afirmações falseadas ou enviesadas, acompanhadas de pelo menos cinco veículos de imprensa que as replicaram, contribuindo para sua disseminação nas redes sociais:

Declarações Falsas e Bravatas de Donald Trump	Data da Declaração	Jornais que Replicaram suas Mentiras e Bravatas	Data da Publicação
1 Fake News - A China controla o canal do Panamá: Trump afirmou que a China havia assumido o controle do Canal do Panamá, o que foi desmentido por autoridades panamenhas.	20 de janeiro de 2025	Fox Business, CNBC, Bloomberg, The Wall Street Journal, Reuters, O Globo, UOL Notícias, CNN Brasil	20 de janeiro de 2025
2 Bravata - Retomada do Canal do Panamá: Trump declarou que os EUA retomariam o controle do Canal do Panamá, o que não ocorreu.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Times, El País, HuffPost, Folha de São Paulo, O Globo	20 de janeiro de 2025
3 Bravata - Transformar Gaza em resort: Trump disse que iria transformar Gaza em um resort "de luxo" e que já teria investidores para contruir o megaempreendimento no enclave.	7 de janeiro de 2025	Metrópoles, SBT News Dourados News, O Globo, The New York Times, Agência Brasil, Estadão, Folha de São Paulo	7 de janeiro de 2025
4 Bravata - Reunião bem-sucedida com Zelensky: Trump afirmou que sua reunião com o presidente ucraniano Zelensky foi produtiva, apesar das tensões evidentes.	28 de janeiro de 2025	HuffPost, The Wall Street Journal, The New York Times, El País, The Times	28 de janeiro de 2025
5 Bravata - Anexar o Canadá como o 51º estado: Trump sugeriu que o Canadá deveria se tornar o 51º estado dos EUA, argumentando que os US gastam bilhões de dólares para proteger o país vizinho.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Wall Street Journal, The New York Times, HuffPost, Globo News, Jovem Pan News	20 de janeiro de 2025

6	Fake News - EUA tiveram inflação recorde no governo Biden: Trump afirmou que a taxa de inflação dos EUA atingiu níveis históricos em 2022, quando era de 9,1%, mas isso não estava perto do recorde de 23,7%, em 1920.	20 de janeiro de 2025	The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, El País, HuffPost	20 de janeiro de 2025
7	Bravata - Anexação da Groenlândia: Trump afirmou que a incorporação da Groenlândia aos EUA é essencial para a segurança nacional e para o acesso a recursos minerais estratégicos.	20 de janeiro de 2025	El País, The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, HuffPost, Globo News, Estadão	20 de janeiro de 2025
8	Fake News - Recursos da USAID financiaram mídias de notícias falsas: Trump mentiu sobre uso de bilhões da USAID foram dados à mídia de notícias falsas" para escrever histórias favoráveis sobre os democratas.	6 de janeiro de 2025	El País, The New York Times, The Wall Street Journal, HuffPost, The Times, Jovem Pan News	6 de janeiro de 2025
9	Bravata - Mudança do nome do Golfo do México para Golfo da América: Trump anunciou a mudança do nome do Golfo do México, mas nenhuma alteração oficial foi feita.	20 de janeiro de 2025	Agência Brasil, Exame, The Times, The Wall Street Journal, The New York Times, Globo News	20 de janeiro de 2025
10	Fake News - EUA "receberam centenas de bilhões de dólares da China: Trump mentiu que os EUA "receberam bilhões de dólares da China por meio das tarifas que ele impôs durante sua primeira presidência.	20 de janeiro de 2025	Fox Business, CNBC, Bloomberg, The Wall Street Journal, Reuters, O Globo, UOL Notícias, CNN	20 de janeiro de 2025

Por que as Pessoas Ainda Tendem a Acreditar em *Mentiras Políticas*?

Entre 2011 e 2022, uma pesquisa³² (Lasser, J., Aroyehun, S.T., Carrella, F. et al, 2023) analisou as *discussões políticas* de todos os membros do Congresso dos EUA no então *Twitter*. No período foram analisados cerca de 4 milhões de *tweets*. A abordagem baseou-se na ideia de que a compreensão que as pessoas têm do que é "*honestidade*" envolve dois componentes distintos: "*falando de fatos*" e "*falando de crenças*".

	Republican	Democratic
more belief-speaking	Schiff definitely doesn't have an "ironclad" impeachment case as he is desperately trying to suggest. He surely has himself though an active, "ironclad" imagination and a boatload of bad intentions.	We must expand the Supreme Court. I don't come to this conclusion lightly or because I disagree with a particular decision; I come to this conclusion because I believe the current court threatens the democratic foundations of our nation. My op-ed:
more fact-speaking	We need to know how this pandemic started to stop it from ever happening again. I encourage whistleblowers who can inform a complete, scientific, and objective investigation into the origins of COVID-19 to contact @user	Among other requests in the letter, I ask that VBCPS make public the full raw data of their lead testing to allow independent toxicologists to verify the accuracy of the tests and determine that no other sites have been erroneously identified as below actionable levels.

A *figura* ilustra os resultados do levantamento científico de *tweets* mentirosos.

A primeira forma de discurso baseia-se em *evidências e enfatiza a veracidade* e procura comunicar o estado real do mundo e a segunda, baseia-se na *aparente sinceridade do comunicador*, mas presta pouca atenção à precisão factual. Com base em dados matemáticos, os pesquisadores mensuraram até que ponto cada *tweet* representava a *fala de crenças* e a

³² Acessado no link: <https://www.nature.com/articles/s41562-023-01691-w>

fala de fatos, e como os dois evoluíram ao longo do tempo. A *figura* acima ilustra os resultados da nossa análise com exemplos de *tweets* que envolvem muito discurso de crenças (*em cima*) e de fatos (*em baixo*), separadamente para membros dos dois partidos, sendo o vermelho o *Republicano* e o azul o *Democrata*. Segundo serviços verificadores de fatos e fake news, Donald Trump fez mais de 30 mil afirmações falsas ou enganosas durante seu primeiro mandato na presidência dos EUA. Isso corresponde a cerca de 20 *pinos de mentira* por dia, o dobro de pinos presentes em um jogo de boliche, o qual este artigo usou como metáfora aplicada. Mas, conforme diversas sondagens de opinião durante a sua presidência, cerca de 75% dos eleitores republicanos ainda consideravam Trump um *político honesto*. Parece incrível que um "*mentiroso contumaz*" — cuja maior mentira sobre os resultados das eleições de 2020 levou a uma insurreição violenta e quase colocou a democracia americana de joelhos — ainda fosse considerado *honesto* por milhões de americanos, a ponto de reconduzi-lo pela 2ª vez ao maior cargo do país mais poderoso do mundo.

Falência Argumentativa da Linguagem - *Fatos Presumidos* X *Fatos Presumíveis*

A linguagem como conhecemos — sujeito + verbo + predicado — perdeu seu efeito argumentativo a partir da interpretação de fatos cotidianos, principalmente diante da campanha global de disseminação de pinos de mentiras intencionais comandada pela big techs. Em primeiro lugar, é precisa diferenciar "*Fatos Presumidos*" de "*Fatos Presumíveis*":

Fatos presumidos: São aqueles que já foram presumidos de forma concreta, seja por força de uma norma jurídica, de um raciocínio lógico ou de um consenso social. Exemplo: "No direito, um filho nascido dentro do casamento é presumidamente filho do marido da mãe." Nesse caso, a presunção já está estabelecida e tem validade até prova em contrário.

Fatos presumíveis: São aqueles que podem ser presumidos, mas não necessariamente o são. Ou seja, há uma possibilidade lógica de que algo seja verdadeiro, mas a presunção não é automática nem obrigatória. Exemplo: "É presumível que uma pessoa que trabalha 12 horas por dia esteja cansada." Aqui, a presunção depende de contexto e análise.

No episódio em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se referiu à ministra Gleisi Hoffmann como uma "*mulher bonita*" ao justificar sua escolha para a Secretaria de Relações Institucionais, observou-se uma reação polarizada na mídia e nas redes sociais. Enquanto alguns jornalistas e influenciadores alinhados ao bolsonarismo interpretaram a fala como *misógina*, outros a defenderam como um elogio inofensivo, inclusive a própria ministra recém-empossada. No caso dos jornalistas, as opiniões foram bastante divididas. Na Rádio BandNews, os três âncoras do jornal da manhã (Carla Bigatto, Sheila Magalhães e Luiz Megale) e outro do meio-dia (Eduardo Oinegue) foram uníssomos em associar a fala do presidente à misoginia. Em oposição aos jornalistas do mesmo grupo de comunicação, o âncora do programa noturno "*É da coisa*", Reinaldo Azevedo, disse que a mesma fala estava contextualizada. Alvo do comentário, a própria Gleisi Hoffmann saiu em defesa de Lula, destacando que "*gestos são mais importantes que palavras*" e ressaltando o histórico do presidente em empoderar mulheres. No entanto, parlamentares da oposição aproveitaram a oportunidade para criticar a declaração, ironizando a aparência da ministra e acusando o presidente de machismo. Envolvido em uma série de polêmicas, o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO) pode ter seu mandato cassação por quebra de decoro parlamentar. Na ocasião, o deputado publicou nas

redes sociais comentários ofensivos³³ direcionados à ministra Gleisi Hoffmann, e ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre. Gayer insinuou que Alcolumbre formaria um "trisal" com Gleisi e seu marido, o deputado Lindbergh Farias. Em resposta, Alcolumbre anunciou que entrará com uma ação judicial contra Gayer e solicitará sua cassação no Conselho de Ética da Câmara. Além disso, o Partido dos Trabalhadores (PT) formalizou um pedido de cassação de Gayer no Conselho de Ética da Câmara devido a ataques considerados misóginos e ofensivos à ministra Gleisi Hoffmann.

Dissonância Cognitiva como Política de Comunicação

Os teóricos da “*Dissonância Cognitiva*”³⁴ reforçam como a linguagem pode ser manipulada para sustentar narrativas políticas preexistentes. Esse conceito foi introduzido pelo psicólogo social Leon Festinger em 1957, em sua obra *The Theory of Cognitive Dissonance*. Festinger postulou que os seres humanos têm um desejo inato por coerência interna e que, quando confrontados com ideias ou informações conflitantes, tendem a buscar formas de minimizar essa contradição. Tal fenômeno é amplamente explorado em estratégias de manipulação, especialmente na *disseminação de mentiras e desinformação*. Isso ocorre porque, diante de uma nova informação que contradiz suas crenças, uma pessoa pode optar por:

1. **Rejeitar a Verdade** – Se uma mentira reforça um sistema de crenças já estabelecido, o indivíduo pode simplesmente ignorar ou desacreditar evidências em contrário.
2. **Reinterpretar os Fatos** – Em vez de aceitar que uma informação é falsa, a pessoa pode reinterpretá-la de modo a torná-la compatível com sua visão de mundo.
3. **Apoiar-se em Viés de Confirmação** – O indivíduo busca apenas informações que confirmem suas crenças prévias, evitando qualquer evidência que possa desafiá-las.

Exemplo na Manipulação da Opinião Pública

Governos, mídias tendenciosas e grupos ideológicos frequentemente exploram a dissonância cognitiva para fortalecer narrativas e polarizar a sociedade. Por exemplo, quando um líder político é acusado de corrupção, seus apoiadores podem:

1. **Afirmar que a acusação** é uma conspiração da oposição (rejeição da verdade);
2. **Alegar que "todos os políticos roubam**, então isso não faz diferença" (reinterpretação dos fatos);
3. **Consumir apenas veículos de informação** alinhados com sua ideologia (viés de confirmação).

Contraditoriamente, a *dissonância cognitiva verbal* promovida nas redes sociais também se manifesta *visualmente*, embora passe despercebida aos pagadores de impostos da camada mais pobre da população. Vejamos um exemplo: nos Estados Unidos, políticos do Partido Republicano adotam bonés vermelhos estampados com *slogans* de efeito, símbolos de uma ideologia conservadora e nacionalista. Já abaixo da linha do Equador, a mesma cor é associada a um espectro político oposto — o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vinculado à luta pela reforma agrária e aos ideais da esquerda brasileira.

³³ Acessado no link: <https://www.infomoney.com.br/politica/quem-e-gustavo-gayer-que-sugeriu-trisal-entre-gleisi-lindbergh-e-alcolumbre/>

³⁴ A *dissonância cognitiva* é um fenômeno psicológico que ocorre quando um indivíduo experimenta um conflito interno entre crenças, valores ou informações contraditórias. Esse desconforto leva a uma necessidade de reduzir a inconsistência, seja mudando a crença, reinterpretando os fatos ou rejeitando informações que não se encaixam em sua visão de mundo.



As *imagens* à reboque da semiologia a partir do confronto de ideologias antagônicas.

Essa contradição semiótica se intensifica em imagens emblemáticas, como a de um imigrante mexicano vestindo uma camisa com a inscrição "*Latinos for Trump*", sendo algemado e deportado por agentes de imigração dos EUA. O paradoxo é evidente: latinos que votaram em Trump não perceberam que eram, eles próprios, alvos do discurso supremacista propagado por sua campanha. Essa *cegueira política* revela o poder da manipulação simbólica, onde

- cores,
- palavras,
- símbolos,
- signos e
- imagens

são estrategicamente distorcidas para

- confundir,
- dividir e
- capturar apoios contraditórios.

No caso do presidente Lula, a interpretação do termo "*bonita*" variou conforme o *alinhamento ideológico dos interlocutores*, evidenciando uma *falência na comunicação objetiva* e uma tendência crescente de se presumir intenções baseadas em filiações políticas. Essa fragmentação do discurso público reflete a influência das *big techs* também na mídia tradicional na disseminação de informações e na formação de bolhas informativas, onde fatos são moldados para atender a agendas específicas, em detrimento de uma análise imparcial e fundamentada. Em suma, o incidente ressalta a necessidade de uma reflexão crítica sobre como a linguagem é utilizada e interpretada na esfera pública, especialmente em um contexto de polarização política e influência das plataformas digitais na construção da realidade social espectral, descentralizada da vontade apenas de quem tem mais *poder político e econômico*.

5 - Inteligência Artificial e o Algoritmo da Manipulação

Em seu livro *The Big Nine*, a futurista Amy Webb analisa como a inteligência artificial amplifica desinformação, organizando conteúdos para maximizar engajamento, sem distinção entre verdade e mentira. Os algoritmos do *Facebook*, *YouTube* e *Twitter* favorecem *conteúdos polarizadores*, aumentando a legitimidade de discursos falsos simplesmente porque *eles geram mais interação*. Segundo Webb (2019, p. 150), "não estamos apenas lidando com *fake news*. Estamos lidando com um sistema programado para *amplificar falsidades e enfraquecer a confiança pública na verdade*." Esse fenômeno se alinha ao conceito de "*colonialismo digital*",

descrito por Nick Couldry e Ulises Mejias em *Digital Colonialism*. Segundo eles, as plataformas digitais não apenas transmitem informação, mas criam novas formas de controle social e político. Países do Sul Global, por exemplo, dependem de plataformas ocidentais, que muitas vezes manipulam os fluxos de informação em favor de interesses políticos externos. Para Couldry & Mejias (2020, p. 74), "a verdade não é mais uma construção social compartilhada, mas *uma mercadoria manipulável* dentro do mercado de dados."

Os 9 Gigantes que Moldam o Futuro

Para Amy Webb, as nove gigantes da tecnologia estão moldando o futuro da inteligência artificial e exercendo um enorme poder sobre dados, economia e sociedade. Esses "*Big Nine*" são divididos em dois grupos:

Os 6 Gigantes dos EUA (*G-MAFIA*) – Acrônimo do Colonialismo Digital

1. Google – Pioneiro em IA com o DeepMind e assistentes virtuais.
2. Microsoft – Domina IA empresarial e computação em nuvem.
3. Amazon – Avançado em IA para comércio, assistentes de voz e logística.
4. Facebook (Meta) – IA focada em publicidade, redes sociais e metaverso.
5. IBM – IA empresarial e computação quântica (Watson).
6. Apple – IA integrada em dispositivos móveis e assistentes (Siri).

Numa clara alusão à velha máfia dos *Dons Corleones* sobre os quais menciona a matéria da revista *The Economist*, não foi fortuito que esse grupo poderoso ligado às bib techs tenha sido formado a partir do acrônimo *G-MAFIA*: são corporações privadas do Ocidente que dominam o setor de IA e seguem uma lógica de mercado. Em seu livro, Webb destaca que, ao lado do *G-MAFIA* (Google, Microsoft, Amazon, Facebook, IBM e Apple), estão os Estados Unidos e seus aliados ocidentais. Isso significa que a IA desenvolvida por essas empresas opera dentro da lógica de mercado e da política externa dos EUA, com influência direta sobre países aliados, como:

1. Reino Unido
2. União Europeia (especialmente França e Alemanha)
3. Canadá
4. Austrália
5. Japão
6. Índia (em certa medida, apesar de sua autonomia tecnológica)

Os 3 Gigantes da China (*BAT*) – Capitalismo de Estado que Também Mente

1. Baidu – Especialista em reconhecimento de voz e IA para buscas.
2. Alibaba – Domina IA para comércio e finanças.
3. Tencent – Forte em IA para redes sociais e entretenimento (*WeChat*).

Essas empresas formam o *BAT* e estão altamente alinhadas ao governo chinês, operando sob uma lógica centralizada e estatal, dentro do Capitalismo de Estado.

IA e Poder Global: O Duelo *G-MAFIA* x *BAT*

As empresas dos EUA operam dentro de um modelo capitalista, onde o financiamento da IA depende de interesses comerciais e investimentos privados. Segundo Webb, isso significa que o mercado dita os rumos do desenvolvimento da IA, favorecendo inovação, mas também ampliando desigualdades tecnológicas. O domínio dessas empresas se reflete na influência sobre padrões globais, impactando privacidade, algoritmos de recomendação e controle de dados. Nesse cenário, países como Reino Unido, Canadá, Japão e União Europeia estão alinhados ao modelo americano, mas com regulamentações mais rígidas em alguns casos – como o GDPR europeu³⁵. Ainda assim, o Ocidente depende do *G-MAFIA* para infraestrutura digital, tornando-se vulnerável ao monopólio dessas empresas. Segundo Webb (2019, p. 42), "os EUA permitiram que suas maiores empresas de tecnologia dominassem a IA sem um plano unificado do governo, o que cria uma dependência perigosa do setor privado."

6 - Riscos da Mentira como Poder político e Econômico

Assim como ocorreu com a ascensão de Hitler a partir de 1933, impulsionada pela xenofobia e pela propaganda mentirosa, Donald Trump corre o mesmo risco de conduzir os Estados Unidos a um colapso civil e político por meio de um intenso processo de desinformação. Se, no caso de Hitler, o *Terceiro Reich* ruíu em 1945, Trump pode arrastar os americanos para um novo conflito interno, evocando traumas da Guerra de Secessão³⁶ (1861-1865). À medida que a população perceber a escalada do colapso político e econômico, o próprio povo pode recorrer às armas, tal como fizeram os alemães no começo do século 20. Fatores como o início da Grande Depressão (1929), desemprego maciço, as humilhações sofridas pela Alemanha a partir do *Tratado de Versalhes* (1919), o descontentamento social com o regime democrático ineficaz, o apoio do povo alemão aos partidos nacionalistas e o temor de uma revolução socialista levaram a alta burguesia alemã, empresários e o clero a apoiarem a extrema-direita do espectro político, optando por extremistas de partidos como o Partido Nazista.

Bate-boca entre Trump e Zelensky no Salão Oval

Esses riscos às vezes podem ser relevados ainda em tempos de paz, como numa conversa nada anistosa entre o presente dos Estados Unidos Donald Trump e Volodymyr Zelensky no Salão Oval da Casa Branca³⁷. O encontro ocorrido em 28 de fevereiro de 2025 é um exemplo prático de como a desinformação e a manipulação política se entrelaçam no boliche global de poder. O episódio não foi apenas um desacordo diplomático, mas sim um evento carregado de manipulação narrativa, no qual Trump reforçou teses pró-Rússia, distorceu a realidade geopolítica e usou a imprensa e as redes sociais para consolidar sua versão dos fatos. A estrutura narrativa do embate proposto por Trump segue um mesmo padrão ideológico:

- 1. lançamento de falsas narrativas,**
- 2. amplificação delas pela mídia tradicional ou não,**
- 3. legitimação através de *loops* narrativos**

³⁵ O Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (GDPR) é uma norma estabelecida para regular a proteção de dados na União Europeia. Amplamente discutido, o GDPR foi implementado para aprimorar a proteção e regular o uso de dados sensíveis de indivíduos registrados em serviços digitais, que possuem acesso a uma vasta quantidade de informações.

³⁶ A "Guerra de Secessão" ou "Guerra Civil Americana" foi uma guerra civil ocorrida nos Estados Unidos da América, entre 1861 e 1865. O conflito envolveu os Estados do Norte (União) e os Estados do Sul (Estados Confederados da América) pela emancipação dos escravos e terminou com a vitória da União.

³⁷ Acesso link: <https://www.estadao.com.br/internacional/eua-e-ucrania-nao-assinam-acordo-sobre-minerais-apos-bate-boca-entre-trump-e-zelenski-nprei/>

4. **legitimação através de desvios narrativos e**
5. **alianças políticas e econômicas como ganho pessoal.**

Durante a reunião, Trump repetiu a justificativa de Vladimir Putin para a invasão da Ucrânia em 2022, afirmando que o conflito começou porque o país buscava se juntar à OTAN. Ele chegou a dizer que Zelensky deveria "esquecer" o ingresso na aliança militar ocidental, consolidando uma retórica que, na prática, culpabiliza a Ucrânia pela guerra iniciada pela Rússia. Essa narrativa segue a tática clássica da desinformação política:

1. **Uma mentira é apresentada como "fato histórico"** – Trump reafirma que a OTAN foi o motivo central da guerra, ignorando a agressão russa.
2. **A repetição consolida a dúvida** – Ao ser repetida, essa alegação ganha força mesmo sem base factual.
3. **A mídia tradicional ajuda a amplificar** – Canais pró-Trump e até a imprensa tradicional cobriram essa fala, permitindo que a versão distorcida circulasse.

Como aponta Amy Webb, em *The Big Nine*: "a repetição de falsidades no ecossistema digital não precisa convencer a todos, apenas criar ruído suficiente para enfraquecer a verdade" (Webb: 2019, p. 145). Ao insistir nessa versão dos fatos, Trump não apenas alimenta a narrativa pró-Rússia, mas também mina a legitimidade da resistência ucraniana, transformando Zelensky em um obstáculo à paz, e não em uma vítima da agressão russa. A imprensa, sem perceber, ajudou a reforçar a versão distorcida do evento, ao destacar como manchete em quase todos os jornais: *"Bate-boca entre Trump e Zelesnki no Salão Oval"*. A cobertura jornalística deu destaque ao bate-boca, mas muitos veículos caíram na armadilha da falsa equivalência, tratando a fala de Trump como um "posicionamento legítimo" dentro do debate geopolítico capturado pelos novos *Dons Corleones* da política internacional. Como destaca Shoshana Zuboff, em *Surveillance Capitalism*: "O sistema midiático moderno não é projetado para proteger a verdade, mas para capturar a atenção, tornando a desinformação um subproduto inevitável" (Zuboff: 2019, p. 94).



As **imagens** após bate-boca na Casa Branca, França faz ameaça nuclear.

Dessa forma, a mentira de Trump sobre a OTAN foi validada pela mídia oficial pelo simples fato de ter sido *"amplamente discutida"*. Mesmo veículos críticos ao ex-presidente "precisaram" mencionar a declaração, contribuindo para sua disseminação. Contudo, na linha do tempo, o mundo real sempre tende a prevalecer sobre a construção de *realidades alternativas* fundamentadas em pinos de mentira. Apenas quatro dias após o embate na Casa Branca, que terminou sem a assinatura de um acordo sobre a guerra na Ucrânia, a França — antigo aliado dos Estados Unidos — impôs um ultimato, redefinindo o xadrez da nova geopolítica movida

por interesses pessoais. No dia 2 de fevereiro de 2025, o presidente Emmanuel Macron³⁸ ofereceu arsenal nuclear francês³⁹ para proteger Europa diante da incerteza sobre apoio dos EUA contra a Rússia. Abalados pela aproximação entre Washington e Moscou e atordoados pelos ataques virulentos de que Zelensky foi alvo no Salão Oval, os aliados de Kiev cerraram fileiras em favor do líder ucraniano. Convidados pelo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, 15 líderes europeus, incluindo Macron e o chanceler alemão Olaf Scholz e, comprometeram-se na presença de Zelensky a apoiar Kiev e a fortalecer suas defesas contra a Rússia, evidenciando os riscos belicistas de uma política baseada em bravatas e no falseamento da realidade. Ainda como resposta ao bate-boca, chefes de exércitos ocidentais⁴⁰ se reuniram, sem a presença dos EUA, como um claro apoio incondicional ao presidente da Ucrânia. Como um ato de “vingança”, Trump ameaça sobretaxar em 200% vinhos e champagne⁴¹ franceses.

Desvios Narrativos como Estratégia de Distração Midiática

Antes do bate-boca principal, Zelensky foi alvo de um ataque simbólico furtivo. O jornalista Brian Glenn, do canal pró-Trump *Real America's Voice*, questionou o ucraniano sobre seu traje militar, argumentando que ele deveria usar um terno formal. Esse ataque foi uma tática clássica de distração, desviando o foco do real debate para um assunto superficial e carregado de viés político. Como argumentam Hardt e Negri, em *Empire*: "O poder contemporâneo não precisa vencer debates; basta deslocá-los para temas onde seu discurso pode prevalecer" (Hardt & Negri: 2000, p. 215). Esse episódio ilustra bem como a desinformação e a manipulação não ocorrem apenas em nível macro, mas também em ataques simbólicos que moldam a percepção pública. No ambiente digital, discussões sobre o "terno de Zelensky" rapidamente viralizaram, servindo como distração do embate real entre Trump e o líder ucraniano. Quem novamente saiu ganhando os 12 *games* do boliche? A dupla Trump-Bannon. Trump não apenas usou o Salão Oval como palco para lançar suas narrativas, mas também contou com apoio institucional da mídia global para reforçá-las. Durante a reunião, seu vice-presidente J.D. Vance e aliados republicanos riram das provocações a Zelensky, reforçando a ideia de que o líder ucraniano estava sendo ridicularizado e isolado. Como Joshua Green explica em *Devil's Bargain*: "A repetição de uma mentira por diferentes fontes cria a ilusão de consenso, fazendo com que ela pareça um fato aceito" (Green: 2017, p. 145). A presença de aliados de Trump, somada à cobertura simpática de veículos conservadores, ajudou a consolidar a narrativa de que:

- Trump estava "cobrando Zelensky" por seu fracasso na guerra.
- A OTAN realmente foi o motivo da invasão russa.
- A Ucrânia deveria aceitar um acordo de paz imposto pelos EUA.

A Tática da Inversão da Narrativa dos Fatos

³⁸ Acessado no link: <https://www.brasil247.com/mundo/macron-oferece-arsenal-nuclear-frances-para-proteger-europa-diante-de-incerteza-sobre-apoio-dos-eua>

³⁹ A França possui o quarto arsenal nuclear mundial, atrás dos EUA e Rússia - que concentram 90% das cerca de 12 mil ogivas nucleares globais -, e da China.

⁴⁰ Acessado no link: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2025/03/11/em-rara-reuniao-sem-eua-chefes-de-exercitos-ocidentais-se-reunem-para-mostrar-uniao-sobre-ucrania.htm>

⁴¹ Acessado no link: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/trump-amea%C3%A7a-impor-tarifas-de-200-sobre-vinho-e-champagne-da-fran%C3%A7a-e-da-ue-1.1588152>

Essas afirmações, mesmo sendo enganosas, foram legitimadas porque foram repetidas, apoiadas por figuras públicas e amplificadas pela mídia em escala global. Confrontado publicamente, Trump utilizou a tática da inversão narrativa. Essa estratégia segue o que Stephen Bannon descreveu como "*flood the zone with shit*" de inundar o debate com desinformação. O objetivo de Trump não era provar que dizia a verdade, mas gerar confusão suficiente para que o público duvidasse da realidade. Para Joshua Green (2017, p. 102), "a mentira política bem-sucedida não convence todos, mas cria incerteza suficiente para que ninguém saiba em quem confiar." A cobertura da imprensa ajudou a reforçar a estratégia de Trump, mesmo sem intenção aparente, afinal a imprensa muitas vezes funciona como uma *besta-fera* ao reportar como um monólito informacional, segundo a *Metáfora do Boliche*. Como Shoshana Zuboff explica, os algoritmos e os meios de comunicação priorizam conteúdos polarizadores, independentemente da veracidade. Assim, enquanto as manchetes discutiam se Trump havia ou não pressionado Zelensky, a própria existência do debate já ajudava a dar credibilidade à mentira. Conforme Zuboff (2019, p. 118), "o sistema informacional moderno recompensa quem manipula a verdade, pois o engajamento é mais valioso do que a veracidade." Zelensky, por sua vez, tentou evitar confronto direto com Trump, pois sabia que a Ucrânia dependia do apoio americano. Ao não rebater a narrativa de Trump de maneira incisiva, ele acabou reforçando a percepção de que havia algo a esconder, agindo paradoxalmente como *Michéy Mouse*, ícone que o americano médio conhece bem. Isso demonstra como a dinâmica de poder global força líderes menores a participarem do teatro da desinformação, mesmo contra sua vontade. O embate entre Trump e Zelensky é um exemplo dessa lógica: o líder ucraniano foi forçado a operar dentro das regras da desinformação, ao mesmo tempo que estava sendo alvo dela.

Avanço do Poder Imperial Moderno: *O Virtual Emparedamento de Lula*

Assim como Zelensky, a dupla Trump-Bannon também quer "emparedar" outro líder de um país emergente: o presidente brasileiro, Luíz Inácio Lula da Silva. Contudo, o primeiro algo foi o ministro do STF, Alexandre de Moraes. Logo nos primeiros meses do 2º mandato de Trump avançaram na Justiça norte-americana novas apelações da empresa norte-americana *Rumble*⁴² contra decisões de Moraes no Brasil. Apesar de tramitar nos EUA, o processo é um reflexo das derrotas judiciais sofridas pelas *big techs* em território brasileiro, especialmente após o bloqueio total do X de Elon Musk. Embora o caso *Rumble-Moraes*, não tenha nada a ver com o governo Lula, a ação trumpista que envolver o presidente brasileiro para minar seu poder de influência no Sul Global. Não por coincidência, as duas plataformas que litigam com Moraes são ligadas à extrema-direita americana: além do *Rumble*, uma rede social de vídeos, também a *Trump Media & Technology Group*, move ações contra o ministro do STF, embora tenha como proprietário o atual presidente Donald Trump. Ainda que as ações do *Rumble* e *Trump Media* sejam direcionadas a Moraes, o litígio atingiu também a soberania do Estado brasileiro, numa clara tentativa de afrontar o presidente Lula que, em tese, não teria nenhuma relação com a questão. Esse jogo de inversão narrativa acabou envolvendo também o presidente

⁴² Acessado pelo link: <https://www.cartacapital.com.br/justica/entenda-a-disputa-entre-o-rumble-e-alexandre-de-moraes-nos-eua/>

brasileiro⁴³ quando uma nota do Itamaraty rebateu de forma veemente as ingerências do Departamento de Estado americano no judiciário brasileiro:

“A manifestação do Departamento de Estado distorce o sentido das decisões do Supremo Tribunal Federal, cujos efeitos destinam-se a assegurar a aplicação, no território nacional, da legislação brasileira pertinente, inclusive a exigência da constituição de representantes legais a todas as empresas que atuam no Brasil. A liberdade de expressão, direito fundamental consagrado no sistema jurídico brasileiro, deve ser exercida, no Brasil, em consonância com os demais preceitos legais vigentes, sobretudo os de natureza criminal”, diz o Itamaraty (íntegra ao final do texto).

Em entrevista publicada no X ao jornalista Luis Nassif⁴⁴, Miguel Nicolelis⁴⁵, um dos 20 cientistas mais renomados do mundo, argumenta que esse grupo político comandado pela extrema-direita mundial vai tentar desgastar a imagem do presidente Lula até as eleições de 2026 e buscar eleger um nome da direita brasileira. Em seu livro *OverLords da Big Techs*, Nicolelis reforça esse movimento através do casamento que ocorreu nos últimos 10 anos entre o *Big Money*, *Big Oil* e as *Big Techs*. Basicamente, esses 3 conglomerados empresariais não precisam mais de Estados Nacionais como conhecemos hoje. Buscam derrubar quaisquer barreiras para exercerem seu poder. Assim, rompem com fronteiras nacionais e suas respectivas constituições.



As **imagens** revelam a diferença de estrutura de poder (EUA e China) e a ascensão das IA's chinesas.

Para Michael Hardt e Antonio Negri, esse poder imperial moderno se manifesta não apenas pela força bélica, mas pela capacidade de controlar narrativas. Nesse caso do *Rumble* e *Trump Media*, o judiciário americano “comeu a isca” e acabou sendo envolvido para promover intimidação ideológica de adversários políticos, sob a tutela desse poder imperial moderno. Segundo Hardt & Negri (2000, p. 201), "o poder contemporâneo não impõe verdades, mas constrói redes de influência que determinam *quais versões da realidade são aceitáveis*." Contudo, a verdade presumida não mente: aos contrário da extrema-direita americana, os chineses apostam em uma estrutura de poder baseada em entes governamentais, tendo os bancos e corporações sob a tutela estatal. E o *fato presumido* de sua eficiência foi a chegada da inteligência artificial chinesa *DeepSeek*⁴⁶, que varreu em 24 horas o PIB de 1 ano de país grande na bolsa de valores americana. Quem mais perdeu? As *big techs* norte-americanas.

Trump vs. Lula: carta com tarifa de 50% tenta emparedar Lula de fato

⁴³ Acessado pelo link: <https://www.itatiaia.com.br/politica/2025/02/26/caso-rumble-governo-lula-rebate-critica-dos-eua-sobre-decisao-de-moraes>

⁴⁴ Acessado no link: <https://x.com/NestorCavalcanti/status/1884918070860198376>

⁴⁵ Miguel Nicolelis é um médico e neurocientista brasileiro, considerado um dos vinte maiores cientistas em sua área no começo da década passada pela revista de divulgação *Scientific American*.

⁴⁶ Acessado no link: <https://x.com/LuizPersechini/status/1884000882632610043>

Na noite de 10 de julho de 2025, o presidente Lula surpreendeu ao escolher a velha guarda da comunicação — o Jornal Nacional (JN) — como palco para um contra-ataque político e diplomático em horário nobre. Por cerca de 15 minutos, o líder brasileiro rebateu com firmeza a ofensiva tarifária⁴⁷ de Donald Trump, que impôs taxas de 50% sobre produtos brasileiros. Mais do que um gesto de protecionismo econômico, a medida de Trump soou como uma sanção político-ideológica, uma retaliação disfarçada ao alinhamento de Lula com o multilateralismo e com uma ordem internacional menos subserviente ao eixo Washington–Tel Aviv–Vale do Silício. Numa quebra de paradigmas midiáticos, Lula não recorreu ao *Twitter/X*, nem convocou *lives* no *Instagram*. Optou por algo que não se via há mais de uma década no mundo: um chefe de Estado usando a mídia tradicional para disputar narrativa, não apenas cliques. Como num retorno cinematográfico, Lula pareceu evocar um John Wick midiático — saindo do exílio algorítmico para encarar de frente o cerco simbólico do imperialismo digital. Mas, em vez de armas, usou velhos signos narrativos: soberania, pragmatismo e articulação política. Durante a entrevista, Lula também mencionou a recém-criada *Lei da Reciprocidade*⁴⁸, sinalizando possíveis retaliações comerciais, e criticou diretamente a tentativa de Trump de interferir no julgamento de Jair Bolsonaro no STF — uma atitude vista como ataque à soberania institucional do Brasil. A escolha do veículo — a Globo, que durante anos foi antagonista de Lula — não foi casual. Num ambiente onde *Big Techs* lucram com desinformação e *bots* ganham mais voz que parlamentares, o gesto de Lula teve contornos estratégicos: reposicionar a comunicação política num território onde ainda há âncoras, edição e (ao menos em tese) contraditório. E nesse velho cenário, Lula falou alto e grosso. Esse movimento expôs um paradoxo: enquanto a ultradireita globalizada se organiza como franquia internacional de algoritmos e ressentimentos, a esquerda — ou o campo democrático, como queiram — começa a perceber que disputar o campo simbólico exige mais do que reagir no *feed*. É preciso retomar o domínio da pauta, do tempo e da forma. E, às vezes, isso significa voltar ao velho palco, com luz, vinheta e teleprompter. Mesmo porque, como diz A imposição tarifária de Trump, vendida como ato de "defesa da indústria americana", é, na prática, um cavalo de Troia: uma tentativa de enquadrar o Brasil num eixo ideológico submisso. Mas Lula respondeu como estadista: "*O Brasil não é colônia de ninguém.*" A frase, seca como chumbo e densa como história mal resolvida, marcou o início de um novo embate — 61 anos depois de 1964, quando os Estados Unidos, sob o pretexto da Guerra Fria, violaram qualquer noção de autodeterminação ao patrocinar um golpe militar que mergulhou o Brasil em 21 anos de ditadura. Agora, o cenário se reconfigura, mas o roteiro é familiar: de um lado, Trump e seus aliados transnacionais — o agronegócio armado, as igrejas militarizadas, os algoritmos colonizadores e os influenciadores da distopia, que transformam a ignorância em identidade política e a mentira em modelo de exportação. Do outro, um governo que tenta, não sem contradições, reconstruir instituições corroídas, defender a soberania econômica e disputar, quase em desvantagem absoluta, um campo de batalha onde o algoritmo tem mais poder que a Constituição e onde um *post viral* pode valer mais que uma *lei aprovada*. É um Brasil encruzilhado entre passado e presente: um país que tenta romper com o *script colonial* que sempre o destinou ao papel de subalterno — seja à força da espada, da Bíblia ou do capital financeiro global. E agora, também, ao código-fonte. Mas se 2025 é o ano em que a narrativa

⁴⁷ Acessado no link: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8xv9yygx9po>

⁴⁸ Acessado no link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/07/10/lei-da-reciprocidade-entenda-o-texto-citado-por-lula-para-responder-tarifacao-de-trump.ghtml>

decide eleições, talvez estejamos assistindo ao momento em que o Brasil decidiu voltar a escrever a sua — não por likes, mas por convicção política.

Lula regasta McLuhan: “Nenhuma mídia mata a outra”

A afirmação "*nenhuma mídia mata a outra*" é frequentemente atribuída a Marshall McLuhan (1911-1980), teórico da comunicação, mas não é uma citação literal de sua obra. Reflete, porém, uma ideia central de seu pensamento. Segundo McLuhan, as novas mídias não eliminam as antigas, mas as reconfiguram, criando um ecossistema midiático cumulativo. Por exemplo:

- O rádio não matou o jornal;
- A TV não matou o rádio;
- internet não matou a TV.

Cada meio encontra um novo papel na paisagem comunicacional. Na obra "Understanding Media" (1964), McLuhan introduz a ideia de que "o conteúdo de qualquer meio é sempre outro meio". Por exemplo: "O conteúdo da escrita é a fala, assim como o conteúdo da imprensa é a escrita, e o conteúdo da TV é o cinema" (Marshall McLuhan, 1964). Isso implica que as mídias coexistem e se reinterpretam mutuamente. Hoje, discute-se se essa tese ainda vale. As plataformas digitais (como redes sociais) absorveram funções de mídias tradicionais (jornais, rádio), mas não as extinguiram — transformaram seu uso e relevância. McLuhan diria que a função social de cada meio se adapta, não desaparece. "Nós moldamos nossas ferramentas e, depois, nossas ferramentas nos moldam." ("We shape our tools and then our tools shape us.") Embora McLuhan não tenha dito exatamente "nenhuma mídia mata a outra", a frase sintetiza sua visão de que a evolução midiática é um processo de acréscimo, não substituição. É uma perspectiva otimista sobre a resistência das mídias ante inovações — e um convite para analisar como novas tecnologias ressignificam as antigas, em vez de enterrá-las. Sob essa perspectiva, Lula resgatou a essência comunicativa de McLuhan ao optar por responder à carta de Trump usando avelha TV e não as redes sociais como virou moda em 2025.

Como Isso Impacta a Geopolítica da IA?

Para a professora de previsão estratégica e futurista, Amy Webb, alerta para um futuro distópico caso a IA continue sendo monopolizada por essas empresas e países:

1. **Desigualdade na distribuição da tecnologia** – O poder da IA fica concentrado em poucos países e empresas.
2. **Manipulação da informação** – Algoritmos de IA amplificam desinformação e controle sobre o discurso público e adoção de políticas públicas.
3. **Disputa entre modelos** – O Ocidente segue um modelo de mercado, enquanto a China promove um modelo centralizado e autoritário.

Para Webb, o ideal seria uma governança global da IA, mas os interesses políticos e econômicos tornam isso improvável. Sob essa ótica distópica, a IA e o controle dos dados são elementos centrais para a manipulação política e econômica. Empresas do *G-MAFIA* e do *BAT* não apenas dominam a tecnologia, mas moldam a narrativa global. No contexto da *Metáfora*

do *Bolichê*, isso reforça como desinformação via rede social e oficializada pela imprensa, propaganda e manipulação digital são ferramentas de poder estrategicamente usadas tanto no Ocidente quanto no Oriente.

7- Judiciário Tendencioso: As Possíveis Soluções Regulatórias

A questão de um judiciário tendencioso tem sido um tema central nos debates sobre o avanço do populismo e da extrema-direita na política global. Líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán e Benjamin Netanyahu frequentemente acusam o judiciário de parcialidade quando decisões judiciais contrariam seus interesses. Essa estratégia tem dois efeitos principais:

1. minar a credibilidade das instituições democráticas e
2. reforçar uma narrativa de perseguição política, que fortaleça a base eleitoral desses líderes.

No entanto, o problema não se resume apenas a acusações infundadas. Há um debate legítimo sobre a influência política no judiciário, a necessidade de maior transparência no processo de nomeação de juízes e as dificuldades em estabelecer mecanismos regulatórios que garantam a imparcialidade. Para entender essa questão, este artigo recorreu a autores que analisam, entre outras coisas

1. **o avanço do autoritarismo digital,**
2. **o populismo em escala global e**
3. **o impacto da mídia na construção de narrativas judiciais.**

Como a Extrema-direita Usa o Judiciário Como Ferramenta Política

O judiciário sempre foi um campo de batalha crucial para líderes populistas e figuras da extrema-direita. Como destaca John Whitehead, em *Bannon's War: A History of the Rise of the Alt-Right*, Bannon e seus aliados usaram a narrativa de "ativismo judicial" para desacreditar decisões que contrariavam sua agenda. Segundo Whitehead (2018, p. 132), "o discurso da *alt-right* em relação ao judiciário não busca reformá-lo de fato, mas enfraquecê-lo como barreira contra o avanço de sua agenda." Donald Trump, seguindo essa estratégia, frequentemente atacou a Suprema Corte dos EUA e juízes federais que bloquearam suas políticas anti-imigração, chamando-os de "juízes políticos". Esse padrão se repetiu com Jair Bolsonaro no Brasil, ao atacar o Supremo Tribunal Federal, e com Netanyahu em Israel, que tentou limitar o poder da Suprema Corte para evitar julgamentos contra ele.

O Papel da Mídia e das Redes Sociais na Construção de Narrativas Judiciais

A mídia ao lado das redes sociais desempenha um papel central na legitimação do discurso de um judiciário tendencioso. Michael Wolff, em *Fire and Fury: Inside the Trump White House*, relata como Trump e Bannon usavam ataques coordenados contra juízes e promotores para desmoralizar qualquer investigação contra seu governo. Segundo Wolff (2018, p. 156), "Trump não precisava ganhar no tribunal; ele precisava ganhar na narrativa pública. Seu objetivo era convencer seus eleitores de que qualquer decisão contra ele era, por definição, uma fraude." No Brasil, essa estratégia foi replicada por Jair Bolsonaro, que usou ataques ao STF e ao Tribunal Superior Eleitoral para questionar a legitimidade das eleições. Na Hungria, Viktor Orbán alterou as regras do sistema judiciário, nomeando aliados e dificultando a

independência do judiciário. Em *The Costs of Connection*, Couldry e Mejias analisam como as plataformas digitais ajudam a espalhar e consolidar narrativas conspiratórias sobre o judiciário, transformando debates jurídicos em batalhas de opinião pública. Para Couldry & Mejias (2019, p. 90), "o judiciário, antes um campo de decisões baseadas em leis, agora se tornou mais um palco de guerra informacional, onde a verdade jurídica pode ser facilmente manipulada por meio de campanhas digitais." Esse fenômeno se conecta ao *capitalismo de vigilância*, pois os algoritmos priorizam conteúdos que geram engajamento emocional, tornando ataques ao judiciário uma ferramenta poderosa para políticos que desejam deslegitimar decisões judiciais contrárias a seus interesses.

Possíveis Soluções Regulatórias: Reformas no Processo de Nomeação de Juízes

Diante desse cenário, diversas soluções regulatórias podem ser debatidas para fortalecer a independência do judiciário e reduzir sua instrumentalização política. Em *The Great Revolt*, Zito e Todd destacam que a nomeação de juízes por critérios ideológicos é uma das principais causas da desconfiança no judiciário. Segundo Zito & Todd (2018, p. 201), "a confiança no sistema judicial só pode ser restaurada quando seu processo de seleção for blindado contra interesses políticos partidários." Nos EUA, a Suprema Corte passou a ser vista como uma extensão do poder presidencial, uma tendência replicada na Polônia, Hungria e Brasil. Isso ficou evidente quando a Suprema Corte americana⁴⁹ determinou que juízes da primeira instância não tenham autoridade para decidir sobre questões nacionais nem conceder liminares válidas para todo o país. Para reverter esse quadro, uma reforma na indicação de juízes, garantindo maior participação de especialistas independentes e menor influência direta do Executivo, poderia ajudar a mudar essa crise de credibilidade do judiciário.

Regulamentação de Redes Sociais Contra Campanhas de Desinformação Jurídica

Em *Hillary's America*, Dinesh D'Souza argumenta que "o controle das narrativas jurídicas é tão importante quanto as próprias decisões judiciais." Conforme D'Souza (2016, p. 167), "a guerra informacional contra o judiciário faz parte de um movimento mais amplo para controlar todas as instituições democráticas." O problema central aqui é que redes sociais como *Facebook* e *X* (ex-*Twitter*) amplificam narrativas falsas sobre o judiciário, tornando difícil diferenciar fatos de propaganda política. É preciso promover soluções, tais como:

1. Impedir a monetização de conteúdos falsos sobre processos judiciais.
2. Revisar algoritmos para evitar a amplificação de conteúdos que desacreditam decisões judiciais sem embasamento.
3. Implementar mecanismos de verificação e alerta para conteúdos manipulativos sobre casos jurídicos.

Essas medidas ajudariam a impedir que ataques ao judiciário fossem usados como arma política.

Transparência e *Accountability* no Judiciário

⁴⁹ Acessado pelo link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/27/em-vitoria-para-trump-suprema-corte-dos-eua-limita-poder-de-juizes-da-1a-instancia-para-julgar-ordens-nacionais.ghtml>

Para Moldes, em *The Political Economy of the Alt-Right*, defende que a extrema-direita se fortalece justamente onde as instituições falham em oferecer transparência. Conforme Moldes (2020, p. 145), "a percepção de um judiciário corrupto ou parcial é um dos maiores combustíveis para o crescimento do populismo autoritário." Para combater essa crise de confiança, o judiciário precisa

1. **Ampliar a transparência dos julgamentos**, com maior divulgação de critérios de decisão.
2. **Fortalecer mecanismos de controle externo** e auditorias independentes.
3. **Aproximar a linguagem jurídica do público**, tornando as decisões mais acessíveis e compreensíveis.

8 - Desarmando a Armadilha da Imprensa: Falência da Notícia Monolítica

Em *The Big Nine*, Amy Webb analisa como a IA e os algoritmos de recomendação amplificam desinformação e ajudam a construir realidades alternativas para milhões de pessoas. O problema é que a imprensa também está presa a esse sistema, dependendo das mesmas plataformas para audiência e engajamento. "O problema não é apenas que *fake news* se espalham. A questão é que nossas próprias instituições informacionais estão sendo reprogramadas por algoritmos que priorizam desinformação" (Webb, 2019, p. 145). Esse cenário mostra como a luta contra *fake news* não pode ser apenas um esforço trivial de *checagem de fatos*, mas exige mudanças estruturais na forma de *produção, circulação e consumo* da notícia tradicional. Como sugerem Seabra e Santos (2012-14), é preciso tornar a notícia em uma narrativa realmente jogável nas redes sociais para fazer o confronto entre verdade (*realidade presumida*) e mentira (*realidades alternativas*). Se a imprensa deseja combater as *fake news*, precisa rever seu próprio papel no mercado da informação, abandonando a *neutralidade ilusória* e adotando um modelo que enfatize

1. **contexto crítico em redes online jogáveis,**
2. **responsabilidade com os fatos e não com as fontes,**
3. **accountability⁵⁰ contra jornalistas bancarizados⁵¹ e**
4. **jogar de forma inesperada, menos previsível.**

Nesse contexto, é fundamental romper com o modelo tradicional de redação, marcado por hierarquias forjadas em apadrinhamentos políticos, religiosos e empresariais. A própria construção da narrativa jornalística precisa ser repensada para superar a *hiperconcentração* de veículos em poucas fontes — estrutura que permitiu a ascensão da *Metáfora do Boliche*, instrumentalizada pela extrema-direita para falsear a realidade. Não se pode ficar refém de *leads*⁵² hiperpolitizados, voltados à formação de opinião ideologizada. Assim, a veiculação da notícia deve abandonar o formato monolítico tal qual uma *bola de boliche*, em que todos os veículos são forçados a tratar dos mesmos temas sempre, muitas vezes sem que haja qualquer

⁵⁰ *Accountability* é um conjunto de mecanismos que permitem que os gestores de uma organização prestem contas e sejam responsabilizados pelo resultado de suas ações. O termo *accountability* não tem uma tradução específica para o português, mas pode ser relacionado com responsabilização, fiscalização e controle social.

⁵¹ "*Jornalistas bancarizados*" é uma expressão cunhada pelo jornalista e pesquisador Geraldo Augusto Seabra para designar profissionais de imprensa que, em troca de altas remunerações, atuam como assessores dos próprios proprietários dos veículos de comunicação, defendendo a publicação de informações desvinculadas da realidade.

⁵² No jornalismo, *lead* (ou lide) é o parágrafo inicial de uma notícia, que deve resumir as informações essenciais do fato. Ele responde, geralmente, às perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. O objetivo do lead é captar a atenção do leitor e fornecer rapidamente as informações mais importantes, permitindo que ele compreenda o essencial da notícia sem precisar ler o texto inteiro.

conexão real com o contexto local de *produção, veiculação e consumo* da notícia. Nesse aspecto, é preciso romper com o atual modelo de redação tradicional, com hierarquias forjadas em apadrinhamentos *políticos, religiosos e empresariais*. A própria narrativa da notícia precisa ser repensada, a fim de quebrar o velho modelo da cobertura jornalística: a hiperconcentração de veículos de comunicação em poucas fontes, o que permitiu a ascensão da *Metáfora do Boliche*, a partir da qual extrema-direita sendimentou seu instrumento ideológico de falseamento da realidade. Não se pode ficar preso a *leads hiperpolitizados* com clara intenção de formar opinião ideologizada. Nesse sentido, a própria veiculação da notícia deixe de ser como uma bola de boliche monolítica, em que todos veículos são reféns de temas similares, mesmo que não haja nenhum contexto aparente com a realidade o local de sua veiculação.

9 – Os 21 sites e redes sociais mais tóxicos do mundo

A disseminação de discursos de ódio e a organização de grupos de extrema-direita têm encontrado terreno fértil em diversas plataformas digitais. Abaixo, compilamos uma lista de 21 sites e redes sociais frequentemente associados a essas atividades, acompanhados de seus fundadores e anos de fundação:

1.YouTube

Fundadores: Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim

Ano de fundação: 2005

Link: <https://www.youtube.com>

2.Facebook

Fundadores: Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes

Ano de fundação: 2004

Link: <https://www.facebook.com>

3.WhatsApp

Fundadores: Jan Koum e Brian Acton (Mark Zukerberg, atual proprietário)

Ano de fundação: 2009

Link: <https://www.whatsapp.com>

4.Telegram

Fundadores: Pavel Durov e Nikolai Durov

Ano de fundação: 2013

Link: <https://telegram.org>

5.Discord

Fundadores: Jason Citron e Stan Vishnevskiy

Ano de fundação: 2015

Link: <https://discord.com>

6.Instagram

Fundadores: Kevin Systrom e Mike Krieger

Ano de fundação: 2010

Link: <https://www.instagram.com>

7.X (antigo Twitter)

Fundadores: Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams (Elon Musk, atual proprietário)

Ano de fundação: 2006

Link: <https://x.com>

8.Fox News

Fundador: Rupert Murdoch

Ano de fundação: 1996

Link: <https://www.foxnews.com>

9.4chan

Fundador: Christopher Poole (moot)

Ano de fundação: 2003

Link: <https://www.4chan.org>

10.8kun (antigo 8chan)

Fundador: Fredrick Brennan

Ano de fundação: 2013

Link: <https://8kun.top>

11.Gab

Fundador: Andrew Torba

Ano de fundação: 2016

Link: <https://gab.com>

12.Parler

Fundadores: John Matze e Jared Thomson

Ano de fundação: 2018

Link: <https://parler.com>

13.BitChute

Fundador: Ray Vahey

Ano de fundação: 2017

Link: <https://www.bitchute.com>

14.Rumble

Fundador: Chris Pavlovski

Ano de fundação: 2013

Link: <https://rumble.com>

15.Stormfront

Fundador: Don Black

Ano de fundação: 1995

Link: <https://www.stormfront.org>

16.Breitbart News

Fundador: Andrew Breitbart

Ano de fundação: 2007

Link: <https://www.breitbart.com>

17.InfoWars

Fundador: Alex Jones

Ano de fundação: 1999

Link: <https://www.infowars.com>

18.The Daily Stormer

Fundador: Andrew Anglin

Ano de fundação: 2013

Link: <https://dailystormer.in>

19.VDare

Fundador: Peter Brimelow

Ano de fundação: 1999

Link: <https://vdare.com>

20.The Gateway Pundit

Fundador: Jim Hoft

Ano de fundação: 2004

Link: <https://www.thegatewaypundit.com>

21. Truth Social

Fundador: Donald Trump

Ano de fundação: 2021

Link: <https://truthsocial.com>

Aliás, a rede social *Truth Social* foi lançada após Trump ser banido do *Twitter* (hoje X) e do *Facebook* por incitação à violência durante a invasão ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021. A plataforma se apresenta como um espaço para "*liberdade de expressão*", mas, na prática, virou um refúgio para

1. **teorias da conspiração,**
2. **desinformação eleitoral e**
3. **radicalização da extrema-direita.**

Assim como redes como Gab e Parler, a *Truth Social* sofre com baixa aceitação popular fora da bolha trumpista e tem dificuldades financeiras. Mesmo assim, continua sendo um espaço perigoso de mobilização de extremistas e propagação de fake news. É importante destacar que, embora essas plataformas sejam utilizadas por grupos de extrema-direita para disseminar discursos de ódio e desinformação, nem todas foram criadas com esse propósito. Muitas delas servem a uma ampla gama de usuários e conteúdos. No entanto, a falta de moderação eficaz em algumas dessas plataformas tem permitido que conteúdos tóxicos prosperem. A identificação dessas plataformas como espaços propícios para a disseminação de ideologias extremistas tem levado a debates sobre regulamentação e responsabilidade das empresas de tecnologia. A extrema-direita tem se aproveitado da fragilidade dos mecanismos de moderação para expandir narrativas conspiratórias, desinformação e discursos que incitam violência.

Por que essas plataformas são consideradas tóxicas?

1. **Falta de moderação eficaz** – Muitas dessas redes sociais permitem a livre circulação de conteúdos desinformativos ou de ódio sob a justificativa de "liberdade de expressão".
2. **Bolhas ideológicas** – O algoritmo favorece a criação de bolhas em que os usuários só consomem conteúdos alinhados às suas crenças, reforçando a radicalização.
3. **Monetização da polêmica** – Muitas dessas plataformas lucram com o engajamento gerado por conteúdos controversos, incentivando a perpetuação de discursos extremistas.
4. **Espaço para recrutamento de grupos extremistas** – Algumas dessas redes são usadas para organizar atos violentos, como foi o caso da invasão ao Capitólio nos EUA em 6 de janeiro de 2021.

O desafio da regulamentação

Governos ao redor do mundo estão debatendo formas de regular essas plataformas sem comprometer a liberdade de expressão. Algumas medidas propostas incluem:

1. **Exigência de transparência algorítmica**, para que seja possível entender como determinados conteúdos ganham relevância.
2. **Sanções e multas para redes** que permitem a disseminação de fake news e discursos de ódio sem controle.

3. **Adoção de políticas mais rígidas de moderação**, com a remoção ativa de conteúdos prejudiciais.

O impacto dessas plataformas na sociedade é inegável. Elas não apenas ampliam a disseminação de desinformação, mas também servem como ferramentas para a radicalização e o crescimento de movimentos autoritários. A regulação dessas redes e a conscientização sobre seu papel na formação da opinião pública são fundamentais para combater os danos que podem causar.

A Metáfora Invertida do Boliche e os 8 Pinos do Bolsonarismo

Nos Estados Unidos, a ultradireita ergueu-se a partir da simbiose entre *Big Money*, *Big Oil* e *Big Techs*. No Brasil, a versão tropicalizada do projeto autoritário assumiu contornos próprios. Aqui, o bolsonarismo não apenas lança uma bola ideológica — ele inverte o jogo: os pinos não são derrubados. Ao contrário, ficam de pé para sustentar a máquina, fornecendo estabilidade discursiva e operacional para o avanço da barbárie disfarçada de regeneração social e moral. É a lógica do boliche invertido: quanto mais pinos permanecem de pé, mais forte a desinformação dentro e fora da bolha bolsonarista, a captura do Estado e o esvaziamento da democracia. São 8 pilares simbólicos — ou pinos — que atuam em sincronia, garantindo mobilidade política, blindagem social e rentabilidade político-econômica apenas ao clã fechado da extrema direita brasileira, com um único intuito: mais poder político e econômico. Se comparados aos 10 pinos do boliche tradicional, os 8 pinos bolsonaristas representariam 80% do imaginário nacional — o golpismo no Congresso Nacional aliado ao negacionismo científico revela que essa captura de mentes e corações não está distante da realidade política brasileira.

Os 8 pinos do Bolsonarismo

1. Militares (civis e militares de todas as patentes)
2. Igrejas pentecostais (Israel sem judaísmo)
3. Fintechs (bancos digitais, bancos analógicos, criptos e financeiras)
4. Agronegócio (produtores, cultura sertaneja, música sertaneja, CAC's e caminhoneiros)
5. Empresários (grandes, médios e micros)
6. Game techs (jogos de azar, bets, futebol e jornalistas e influencers esportivos)
7. Mídia (Grande imprensa, Institutos de Pesquisa, big techs e redes sociais)
8. O Cidadão-Massa Fragmentado

1. Militares e Forças de Segurança

Não apenas os de farda, mas os civis militarizados: PRFs, PMs, GMs, bombeiros, oficiais da reserva e, claro, também os generais do zap. São os guardiões da ordem pela força, nostálgicos da ditadura, promotores da "intervenção constitucional" e estandartes da disciplina seletiva. O uso político dos militares pelo bolsonarismo tem sido uma das características mais marcantes e controversas de sua gestão e movimento. Para entender melhor esse fenômeno, é importante contextualizarmos os diferentes grupos envolvidos e suas motivações. O bolsonarismo buscou uma aproximação e instrumentalização de diversos segmentos ligados à ordem e à segurança, criando uma base de apoio leal e ideologicamente alinhada. Essa base não se restringia apenas aos militares das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), mas se estendia a um espectro mais amplo de "civis militarizados" e grupos com afinidade

ideológica. Houve uma presença inédita de militares em cargos de alto escalão no governo Bolsonaro, desde ministérios até postos-chave em empresas estatais. Essa ocupação de espaços visava, entre outras coisas, conferir uma aura de "ordem" e "rigor" à gestão, além de garantir o apoio institucional em momentos de crise política. Muitos generais da reserva, inclusive os "*generais do zap*" (referência a grupos de WhatsApp que disseminavam mensagens de apoio e ideologia bolsonarista), atuavam como porta-vozes e influenciadores da narrativa governista, defendendo pautas como a "intervenção constitucional" (um eufemismo para uma intervenção militar) e a crítica a instituições democráticas. Por sua vez, a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a Polícia Militar (PM) e as Guardas Municipais (GMs) foram grupos ativamente cortejados pelo bolsonarismo. A retórica de "combate ao crime" e a defesa do armamento civil ressoavam fortemente entre esses profissionais. Em alguns casos, observou-se uma clara adesão de membros dessas forças à agenda política do governo, com manifestações de apoio explícito e, por vezes, comportamentos que levantavam dúvidas sobre a neutralidade e o caráter de Estado de suas instituições. A PRF, em particular, foi alvo de muitas críticas por sua atuação considerada alinhada aos interesses políticos do então presidente em momentos eleitorais. Embora tradicionalmente menos politizados, segmentos do corpo de bombeiros também foram alvo dessa aproximação, em linha com a valorização das forças de segurança de forma geral. Assim, o bolsonarismo capitalizou a nostalgia de parte da população em relação ao período da ditadura militar (1964-1985), que é vista por esses grupos como um tempo de "ordem" e "disciplina". Esse sentimento era alimentado por discursos que idealizavam o regime autoritário e criticavam a democracia liberal, a "esquerda" e as instituições que se opunham ao governo. A defesa de uma "disciplina seletiva" por esses grupos significava a aplicação rigorosa da lei contra adversários políticos, enquanto se relativizava ações de aliados. Esses grupos formaram uma base ideológica e operacional importante para o bolsonarismo, atuando como "guardiões da ordem pela força" e promotores de uma agenda que questionava os pilares da democracia e buscava redefinir o papel das Forças Armadas e de segurança na sociedade brasileira. A instrumentalização política dessas forças gerou tensões com outras instituições e levantou sérias preocupações sobre a despolitização e a quebra da hierarquia e disciplina democrática.

Símbolo: o coturno sobre a Constituição.

2. Igrejas Neopentecostais

O púlpito virou palanque, o dízimo virou algoritmo e o demônio, qualquer um que pense diferente. A faceta religiosa do bolsonarismo mistura marketing de fé com guerra cultural. Exporta uma teologia da prosperidade que transforma o sagrado em investimento de retorno rápido, e importa símbolos do judaísmo — sobretudo a bandeira de Israel — como amuletos geopolíticos, totalmente descolados de sua tradição espiritual e histórica. Não dialoga com o judaísmo real, mas sim uma apropriação estética de seus ícones, usada para legitimar um projeto messiânico autoritário tupiniquim. Israel, nesse contexto, tornou-se fetiche para segmentos neopentecostais que mal compreendem a complexidade e grandeza religiosa, étnica e política do Estado judeu. Trata-se de um símbolo instrumentalizado: não por respeito ao judaísmo, mas por sua utilidade política em narrativas de “guerra santa” contra o comunismo imaginário, a imprensa, os direitos humanos e tudo que cheire a diversidade. O paradoxo se torna ainda mais gritante quando notamos a semelhança estrutural entre esse

cristianismo radicalizado e certos grupos fundamentalistas islâmicos — como setores xiitas iranianos. Ambos instrumentalizam a fé para justificar o autoritarismo, mesmo que suas doutrinas, símbolos e livros sagrados sejam diferentes. Estão unidos pela lógica da exclusão, da imposição e da intolerância — e não pela espiritualidade, compaixão ou justiça social. Para se converter ao bolsonarismo raiz, o político precisa ir a Israel e empunhar sua bandeira como se fosse um nativo — ainda que não saiba distinguir a Torá de um tweet. A peregrinação político-midiática a Israel tornou-se um rito de passagem para aspirantes a cargos públicos ligados ao bolsonarismo. Não se trata de um gesto de fé autêntica ou de respeito às tradições judaicas, mas de uma performance simbólica: Israel como cenário, e a bandeira israelense como selo mágico de “missão divina”. Deputados, prefeitos, governadores e presidenciáveis posam no Muro das Lamentações, entoam salmos desconexos e fazem lives sobre “valores da família” com a naturalidade de quem lê o Antigo Testamento pela primeira vez no aeroporto de Tel Aviv. Em contraste gritante, durante uma sabatina recente nos Estados Unidos, o candidato democrata à prefeitura de Nova York, o deputado estadual, socialista e mulçumano, Zohran Mamdani, foi questionado se, ao vencer, faria como outros políticos americanos e viajaria a Israel como primeiro gesto diplomático. A resposta foi seca e contundente: — “Eu ficaria em Nova York.” Uma afirmação simples, mas carregada de significado: a prioridade de um político é cuidar da sua cidade, e não performar alinhamentos ideológicos internacionais para agradar nichos eleitorais ou grupos religiosos locais. Enquanto isso, no Brasil, a relação simbólica com Israel virou um dos pilares do populismo religioso de extrema direita. Só que esse Israel não é o real — o plural, laico, disputado e historicamente complexo — mas uma fantasia teológica de ultraconservadores brasileiros que transformaram Jerusalém num palanque e a bandeira israelense num santinho de campanha. Entre os pentecostais, o pastor Silas Malafaia, líder religioso da Assembléia de Deus Vitória em Cristo, é um dos principais nomes do bolsonarismo. Junto de Jair Bolsonaro, lidera com mão de ferro a extrema direita no país. Em 16 de março de 2025, organizou um ato no Rio de Janeiro pedindo anistia aos golpistas de 8 de janeiro. Em 29 de junho, convocou novo protesto⁵³ em São Paulo, como reação ao julgamento de Bolsonaro no STF, onde o ex-presidente responde por tentativa de golpe em 2022. Mas essa guerra simbólica não fica só nos palanques ou nas lives. Ela já está impregnada no espaço urbano — inclusive na estética da repressão. Em Belo Horizonte, por exemplo, igrejas filiais da Lagoinha (*convertida ideológica ao evangelho dos Bolsonaros*) — uma das megacongregações mais influentes do país — passaram a adotar tons escuros em suas fachadas, como o preto das viaturas policiais. O mesmo tom escuro que agora predomina nas frotas da PM mineira, em especial da ROTAM, a tropa de elite envolvida em múltiplas denúncias de violência nas periferias. O governo Romeu Zema, em vez de corrigir os abusos, decidiu investir na simbologia do medo: vem trocando o tradicional branco das viaturas por tons sombrios e opressivos, em clara sintonia estética com o “governo das sombras”. Nas quebradas, esse visual não passa despercebido. Viaturas negras que rondam bairros pobres não são apenas carros — são recados político-militares. Representam o avanço do Estado-punitivo-estético, que mistura religião e repressão, glória e bala, cruz e cassetete. E o mais cruel: nem mesmo as comunidades evangélicas periféricas — aquelas que dizem representar — escapam da perseguição. Favelas inteiras, onde a fé pentecostal molda o cotidiano, têm sido palco de abordagens violentas, achacamentos e operações duvidosas. É o Velho Testamento à

⁵³ Acessado pelo link: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tarcisio-zema-e-mais-veja-quem-vai-em-protesto-convocado-por-bolsonaro-em-sp,9ae96fe3b55a2a2002563f31db4df8b0zanieft8.html>

brasileira: uma lei sem compaixão, um Deus de farda e uma fé usada como escudo para o autoritarismo que ronda, à espera do próximo culto cívico-militar — agora institucionalizado em Minas, onde o governo Zema busca aprovar a ampliação das escolas cívico-militares para mais de 700 unidades⁵⁴. A medida, criticada por professores e entidades, carrega um viés político evidente e aposta na militarização como molde do 'cidadão de bem' — uma fantasia que a própria história do Brasil desmente, entre genocídios de indígenas, pretos e pobres, e pelo menos nove golpes militares conduzidos por figuras da caserna.

Nota de contraste: O judaísmo, religião monoteísta milenar, é alicerçado na Torá — um conjunto de ensinamentos que combinam rigor ético, prática espiritual e compromisso comunitário. O Estado de Israel, embora politicamente plural, carrega essa herança cultural profunda. Já o bolsonarismo, ao empunhar a bandeira israelense em cultos e motociatas, a transforma em selo mágico de “missão divina”, amputado de seu conteúdo teológico. O que era aliança espiritual vira grife política.

Símbolo: o púlpito como palanque.

3. *Fintechs*, Criptomoedas e Mercado Paralelo

Fintechs (bancos digitais), pirâmides cripto, agiotagem via app, apostas disfarçadas de investimento: tudo embalado por uma retórica sedutora de “liberdade financeira”. Este pilar do bolsonarismo veste calça jeans e camiseta preta, fala em “empreender” e “fugir do sistema”, mas opera um verdadeiro capitalismo de rapina com estética libertária. Aqui, o lucro é instantâneo e toda forma de regulação é demonizada. O Estado é apresentado como o grande vilão, enquanto startups de fachada e gurus do Pix promovem esquemas que prometem enriquecer o “cidadão comum” — desde que ele ignore a legislação, a ética e o próximo. Haja vista a inundação de fraudes online nos redes e zaps a partir de 2018. É um universo onde Paulo Guedes é tratado como messias econômico e a meritocracia vira bula para pirâmides financeiras em série. Esse espírito anarcocapitalista combina perfeitamente com figuras como Javier Milei, o presidente argentino que se diz libertário radical, mas se viu envolvido em escândalos ligados à comercialização de criptomoedas por aliados. No Brasil, o bolsonarismo abraçou o mesmo *script*: vende-se a desregulação como salvação, enquanto se lucra com a precariedade e a ilusão do “capitalismo sem Estado”, que no fundo só beneficia quem já chegou antes com o aplicativo na mão e os dados de todos no bolso.

Símbolo: o extrato bancário como Constituição.

4. Agronegócio, Cultura Sertaneja e CAC's

O agronegócio transformou-se em um espetáculo pop e armado, impulsionado pela adesão massiva dos colecionadores, atiradores desportivos e caçadores (CACs). A retórica do campo, com seu mix de rodeios, caminhoneiros, música sertaneja e discurso armamentista, virou marketing político de alto calibre. No entanto, sinais recentes indicam uma possível tentativa de reorganizar o caos — ainda que sob a velha lógica do controle estatal que finge mudar para manter tudo como está. A partir de 1º de julho de 2025, a Polícia Federal assumiu oficialmente

⁵⁴ Acessado pelo link: <https://www.hojeemdia.com.br/educacao/ampliac-o-de-escolas-civico-militares-em-minas-e-criticada-por-professores-na-almg-1.1074634>

as atribuições de registro, controle e fiscalização das atividades dos CACs, antes centralizadas no Comando do Exército. A transição, formalizada pelo Acordo de Cooperação Técnica nº 9/2023/GM e pelo Decreto nº 11.615/2023⁵⁵, está sendo conduzida de forma escalonada pelas superintendências regionais. Entre as novas funções da PF estão o registro de pessoas físicas e jurídicas para o exercício das atividades de colecionamento, tiro desportivo e caça excepcional, a autorização para compra e transferência de armas, a concessão de guias de tráfego, a fiscalização de CACs e o controle do comércio varejista de armas para civis. Essa reestruturação administrativa vem acompanhada do desenvolvimento de um painel de Business Intelligence (BI), voltado à consolidação e divulgação de dados estatísticos sobre o universo CAC. A promessa oficial é de maior transparência e controle — mas não se pode ignorar o contexto político-ideológico em que essa transição ocorre. Nos últimos anos, os CACs deixaram de ser apenas categorias reguladas pelo Estado e tornaram-se peça-chave na construção de uma estética e logística política associada ao agronegócio, ao sertanejo universitário e à cultura do "Brasil profundo". A figura do atirador rural foi convertida em ícone pop-armamentista, sustentada por rodeios lotados, discursos inflamados, e uma retórica moralista que mistura agrotóxicos com Deus, pátria e propriedade. O armamento civil, nesse cenário, ganha contornos simbólicos — não é apenas uma arma, mas uma afirmação de pertencimento a uma “trincheira cultural” contra o que se vê como “inimigos urbanos”, “ambientalistas radicais” ou “comunistas imaginários”. A reconfiguração do controle dos CACs pela PF, portanto, não é neutra. É parte de um novo jogo de forças entre o Estado e os agentes armados civis que orbitam o campo, o sertão e o asfalto bolsonarista. A promessa de fiscalização mais rígida pode ser lida também como tentativa de conter o descontrole institucionalizado durante o governo anterior — quando a liberação de armas bateu recordes e a retórica belicista foi incorporada aos palanques, aos palcos sertanejos e às prefeituras que, em nome da “tradição”, continuam gastando milhões com shows enquanto faltam ambulâncias nas estradas de terra batida. Essa retórica rural pop transformou a terra em trincheira ideológica. Expressões como “quem planta, colhe” são usadas para justificar desmatamento, exploração ambiental e até bancada armamentista. E há ainda uma logística eleitoral sofisticada: prefeituras de cidades pequenas pagam milhões — frequentemente sem estrutura básica para saúde ou saneamento — para atrair grandes nomes do sertanejo. Essas contratações superfaturadas fomentam um novo tipo de curral eleitoral, no qual o show presidencial dá poder à imagem do político, mas deixa o povo e a infraestrutura locais para trás. Em vários casos, ambulâncias têm levado pacientes às capitais enquanto o dinheiro público banca cachês milionários a duplas sertanejas.

Contexto real (Minas Gerais):

Pequenas prefeituras investiram mais de R\$ 7 milhões apenas em shows sertanejos como Gustavo Lima, Wesley Safadão e Luan Santana. Tribunais de Contas em diversos estados, como MG e MT, iniciaram investigações contra essa prática conhecida como *CPI do Sertanejo*⁵⁶. Em Mato Grosso, 54 municípios gastaram ao menos R\$ 16,6 milhões, muito mais do que investiram em saúde e educação. Regras de inexigibilidade de licitação e contratos polêmicos no MP foram sempre apontados. Esse mecanismo evidencia a força dos “8 pinos” —

⁵⁵ Acessado no link: <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/noticias/2025/06/pf-assumira-atribuicoes-relacionadas-a-cacs-a-partir-de-10-de-julho>

⁵⁶ Acessado pelo link: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/12/cpi-do-sertanejo-shows-investigados.htm>

entre eles o agronegócio e a cultura sertaneja — como infraestrutura simbólica e material do bolsonarismo, unindo interesses eleitorais, econômicos e midiáticos em torno de uma presença política marcante e financeiramente poderosa.

Símbolo: o chapéu de *cowboy* sobre a Amazônia em chamas.

5. Empresariado de Todos os Tamanhos

Do megainvestidor que sobrevoa o Brasil com bandeira hasteada na cauda do helicóptero ao MEI que virou coach tributário no Instagram, o bolsonarismo capturou empresários de todos os portes com a promessa de um país "livre para lucrar" — ou seja, sem Estado, sem regulação, sem direitos. Seduzidos pelo mantra da liberdade econômica, muitos flertam com o *darwinismo social* e romantizam a precarização como se fosse empoderamento. Nesse imaginário, a CLT é uma heresia, o sindicato é uma célula comunista, e o imposto virou confisco ideológico. O que se vende como "desburocratização" esconde a naturalização do Estado ausente e o avanço da lógica da selva: só sobrevive quem explora mais rápido. Esse discurso foi amplificado por personagens como Luciano Hang, o "Véio da Havan", símbolo do empresário que usa sua rede de lojas como palanque bolsonarista, ameaça funcionários em épocas de eleição e enche caminhões com outdoors de "*Deus, Pátria, Família e Liberdade*". Ele representa a junção entre marketing político e fé neoliberal. Outros se somam a esse coro, como o coach empreendedor Pablo Marçal, que mistura autoajuda com misticismo empresarial, ou Leandro Ruschel, que exporta o ultraliberalismo norte-americano com sotaque de *Twitter/X*. No coração dessa ideologia está o "empreendedor messiânico", uma figura que acredita ter uma missão divina: salvar o Brasil... de qualquer forma de proteção social. E não por acaso, Paulo Guedes, ministro da Economia no governo Bolsonaro, é a cereja teórica desse bolo de farinha borrifada de agrotóxico. Formado na Escola de Chicago, Guedes trouxe o receituário de Friedman direto para o Brasil — vendendo estatais, cortando verbas, e sugerindo que os pobres comprassem ações no lugar de pedir auxílio. Tudo isso enquanto bilionários acumulavam lucros, e microempresários pagavam o preço da informalidade glorificada.

Símbolo: a nota fiscal erguida como espada — pronta para cortar direitos, mas sempre com um QR Code disponível.

6. *Game Techs*, *Bet's*, Futebol e Jornalistas e *Influencers* Esportivos

Se Roma tinha pão e circo, o bolsonarismo tem *pix*, palpite e patriotas de chuteira. A nova aliança entre plataformas de aposta, streamers de jogos, ex-jogadores e influencers esportivos criou um ecossistema onde a ilusão do sucesso individual substitui qualquer projeto coletivo de país. É a teologia do mérito digital, onde quem não venceu "é porque não clicou certo". Se o pão é a cesta básica turbinada por orçamento secreto, o circo do bolsonarismo é digital, gamificado e lucrativo — para poucos. *Game Techs*, casas de apostas, jornalistas e influencers esportivos e ex-jogadores convertidos em *avatars* do "mito" formam um novo pilar da alienação de massas. A promessa é simples e sedutora: você também pode enriquecer sem sair de casa — basta fazer o *pix*, clicar no botão certo, ou seguir o "*guru das odds*" no Instagram, numa versão mais recente do pacote de influencers vendido pelas *big techs*. No rastro da legalização e da expansão das apostas esportivas no Brasil, surgiu um mercado

paralelo de influencers bolsonaristas promovendo casas de apostas, muitas vezes ligadas a esquemas obscuros de manipulação de resultados, lavagem de dinheiro e captura do torcedor. Em grupos de Telegram, canais de *YouTube* e *lives* com estética de arquibancada patriótica, o discurso é sempre o mesmo: "confie, aposte, o sistema não quer que você vença". A camisa da Seleção Brasileira, antes símbolo de identidade nacional e pluralidade cultural, foi sequestrada como uniforme de guerra cultural. Não representa mais o futebol arte, mas sim a "fé no mito", o "verde e amarelo contra o comunismo vermelho". É um apelo emocional fabricado, esvaziado de conteúdo esportivo e recheado de populismo barato. Ela vira palanque, vestimenta de comício, fantasia de "brasileiro do bem" — o mesmo que grita "patriota" enquanto compartilha *fake news* no *WhatsApp* e aposta quase todo salário no resultado do time de preferência. O futebol, que em tempos da Democracia Corinthiana foi trincheira contra a ditadura, hoje serve à propaganda da velha direita. Os ex-jogadores são agora colonistas de opinião "anticomunista" ou garotos-propaganda de sites de aposta com vínculo internacional duvidoso. Não há mais política no campo — só algoritmo, engajamento e "*pix* premiado". A manipulação de jogos, já investigada em campeonatos estaduais e nacionais, encontra terreno fértil nesse ecossistema. Quando o gol do time errado vale menos que o clique certo, a integridade vira prejuízo e a mentira vira influência. É a pós-verdade no VAR da vida real.

Símbolo: o botão de aposta como altar da ilusão, clicado por uma mão vestida de verde e amarelo, torcendo por um milagre que nunca foi jogo.

7. Mídia, Institutos de Pesquisa e *Big Techs* (com convivência e lucro)

A ultradireita não precisou capturar tanques — bastou capturar algoritmos. E, num gesto tão simbólico quanto trágico, boa parte da velha mídia preferiu ser sócia minoritária da distopia do que se reinventar como contrapoder real. Em vez de freio democrático, tornou-se acelerador da confusão e alienação em massa. Sob o manto já carcomido da "*imparcialidade jornalística*", a grande imprensa oferece palanque para extremistas, normaliza absurdos e vira máquina de reciclar escândalos fabricados. Entrevistas sem contraditório, programas de auditório com "*convidados polêmicos*", debates pasteurizados — tudo por cliques, audiência e engajamento. O "alerta de polêmica" tornou-se atalho para a legitimação do inaceitável. Nesse mesmo ecossistema, os institutos de pesquisa — tradicionalmente referências estatísticas — passaram a aparecer semanalmente nos noticiários como oráculos de uma crise fabricada. Pesquisas pré-eleitorais constantes, muitas vezes com recortes dúbios, metodologias opacas e manchetes sensacionalistas, servem para alimentar uma atmosfera permanente de desgaste do governo e do presidente Lula. A cobertura não discute a margem de erro, nem a construção das perguntas, muito menos o uso político desses dados pelos próprios meios de comunicação. A pesquisa vira arma, não ferramenta informativa. E assim se cria, artificialmente, um clima de fracasso que interessa a grupos econômicos, partidos conservadores e aos donos do noticiário. Enquanto isso, as *Big Techs* seguem construindo a arquitetura invisível do caos: algoritmos que amplificam ódio, priorizam desinformação e recompensam sensacionalismo e a idiotização. O discurso de "*neutralidade*" é a grande mentira do século XXI. Plataformas como Meta, YouTube e X lucram com cada curtida em *fake news*, cada compartilhamento de ataque golpista, cada vídeo viral de alguém "*desmascarando o sistema*" com base em teorias conspiratórias e gráficos sem fonte. Tudo é monetizado — inclusive a mentira. O *feed infinito*

funciona como púlpito e como cela: disfarça radicalização com memes, substitui reflexão por dopamine e transforma o cidadão em consumidor compulsivo de narrativas prontas. Não há espaço para o contraditório, só para a confirmação enviesada. O "*liberdade de expressão*" virou escudo para blindar *bots*, *milícias digitais* e *influencers do caos*. O projeto bolsonarista de desmonte institucional e construção de um "*Estado paralelo da verdade*" jamais teria avançado sem a infraestrutura da *internet capturada*. Os mesmos códigos que prometiam democratizar a informação hoje servem para sabotar a democracia — com monetização ativa, discurso técnico e uma "*mão invisível*" que escolhe quem sobe e quem desaparece. Simples assim.

Símbolo: o feed infinito como púlpito da pós-verdade, onde a fé cega substitui o debate, e o próximo conteúdo é sempre mais indignado, mais tóxico, mais viral.

8. O Cidadão-Massa Fragmentado

Esse não é um pino na Metáfora Invertida do Boliche. É a pista inteira — rachada, inclinada e paga com impostos que ele mesmo condena. O *cidadão-massa fragmentado* é o combustível emocional e eleitoral da engrenagem bolsonarista. Não por convicção ideológica profunda, mas por *exaustão cognitiva*, abandono histórico e afeto manipulado. Ele está sozinho, mas acha que está cercado por "*cristãos de ocasião*". Está e vive precarizado, mas chama de "livre iniciativa". Está desinformado, mas se sente iluminado. Carrega um *smartphone* como tábua de salvação, onde memes, correntes de *WhatsApp*, vídeos de "especialistas" sem diploma e frases de efeito substituem décadas de política pública, escola crítica e organização coletiva. Confunde "liberdade" com "ninguém vai me ajudar" e "patriotismo" com bandeira no avatar messiânico. Reage a tudo, mas não age sobre nada. Vive num *loop infinito de indignação performativa*, onde cada *live* de grito e cada *emoji* de raiva é mais importante que voto informado, debate honesto ou política concreta. Esse cidadão, ao mesmo tempo vítima e vetor bolsonarista, é a personificação da falência do pacto social. Ele acredita que "só resta confiar em Deus e no *WhatsApp* do grupo da família em desencanto" — dois lugares onde, ironicamente, o bolsonarismo se sente mais à vontade para vender seus milagres de desmonte em tempo real. À margem, submisso, observa o Congresso Nacional dando andamento à agenda golpista no parlamento, inflando os gastos públicos ao aprovar o aumento de 513 para 531 deputados federais⁵⁷ em 2026 — enquanto sustentam, com discurso verossímil, a farsa de que desejam cortar despesas.

Símbolo: o *smartphone* como antolho existencial — limitado à tela, desviado da realidade, incapaz de ver para os lados, e conduzido com fé cega rumo ao abismo... achando que está indo "salvar o Brasil".

Um antídoto à polarização ante os 8 pinos invertidos do Bolsonarismo

O que a vitória de um socialista Zohran Mamdani em Nova York ensina à esquerda brasileira?, perguntam Gabriel Elias, doutor pela Universidade de Brasília e Mayra Cotta, doutoranda pela

⁵⁷ Acessado pelo link: <https://www.metropoles.com/brasil/camara-conclui-votacao-e-aprova-aumento-de-deputados-federais-para-531>

New School (Nova York), na coluna assinada por Leonardo Sakamoto⁵⁸ do portal UOL. A resposta parece funcionar como bússola aos partidos de esquerda em todo o mundo. Enquanto os *oito pinos invertidos do bolsonarismo* seguem plugados como cabos eleitorais da família Bolsonaro — alimentando a máquina de desinformação que fantasia um Brasil militarizado, evangélico e neoliberal — a esquerda brasileira parece hesitar em ocupar o seu espaço com a firmeza que a conjuntura exige. Mas há sinais no horizonte de que outro caminho é possível — e viável. Um deles vem de onde menos se esperava: Nova York. Lá, o socialista Zohran Mamdani venceu as primárias do Partido Democrata com uma agenda clara, ousada e sem verniz publicitário: tarifa zero no transporte público, controle de preços dos aluguéis, direito à alimentação justa e políticas inclusivas para mulheres e pessoas trans. E mais — fez tudo isso sendo muçulmano, defensor da causa palestina, e enfrentando o aparato bilionário da velha guarda democrata. Venceu porque mobilizou a base com pautas concretas, não com slogans moderados cunhados por marqueteiros adestrados sem qualquer compromisso real com a democracia real. Esse terremoto eleitoral colocou tanto republicanos quanto democratas tradicionais em alerta máximo. Afinal, Mamdani não venceu apesar de ser radical — venceu porque foi radical no que realmente importa: melhorar a vida de quem vive do próprio trabalho. A esquerda brasileira, por sua vez, continua enredada na armadilha da “governabilidade”, dobrando suas bandeiras históricas diante da miragem de um centro político que já implodiu. Pior: parece aceitar perder — desde que pareça moderada. Enquanto isso, o câncer golpista avança como metástase, corroendo as entranhas do Congresso Nacional e contaminando partidos do chamado *Centrão*, que já não disfarçam sua fidelidade ao projeto autoritário e antissocial da extrema direita. A esquerda, fragilizada por sua própria moderação, assiste em silêncio — ou, pior, em cumplicidade — a mais essa entrega do patrimônio fiscal nacional em nome de uma “*responsabilidade econômica*” que nunca recai sobre os ricos. É a lógica da máquina neoliberal: o pobre paga imposto no arroz, o rico não paga nada ao transferir milhões para paraísos fiscais. A derrubada do IOF⁵⁹ não foi apenas uma decisão técnica; foi um recado político, um gesto de classe. É nesse vácuo que a extrema direita avança, apresentando-se — ironicamente — como a verdadeira força antissistema, enquanto a esquerda hesita em defender com clareza uma agenda popular, ousada e redistributiva. A vitória de figuras como Zohran Mamdani em Nova York deveria servir de alerta: há espaço para um discurso anticapitalista, desde que ele seja enraizado nas necessidades reais da maioria. Mas para isso, é preciso ter coragem de desagradar os banqueiros e enfrentar o “*centrão de colarinho branco*” que reina em Brasília. O que seria uma estratégia de moderação se tornou *fetiche* de uma velha esquerda festiva. Pior: tornou-se armadilha que distancia a esquerda de sua base real — os trabalhadores, os empobrecidos, as mulheres, os jovens periféricos, os pretos e pretas que carregam o Brasil nas costas. Mamdani provou que dá para vencer sem se curvar ao *marketing das elites*. Mostrou que coragem política, quando sustentada por propostas objetivas e sensíveis ao cotidiano do povo, tem mais tração que qualquer campanha de *likes* patrocinados. Num país onde Bolsonaro ainda ecoa por meio de generais de pijama, *influencers* conspiracionistas e igrejas-palanque, a esquerda tem duas escolhas: seguir jogando com o manual da moderação, ou romper o *script* com um projeto de

⁵⁸ Acessado no link: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2025/07/02/o-que-a-vitoria-de-um-socialista-em-nova-york-ensina-a-esquerda-brasileira.htm>

⁵⁹ Acessado no link: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/06/25/com-derrubada-de-decreto-do-iof-governo-perde-cerca-de-r-10-bilhoes-em-arrecadacao-em-2025-diz-fazenda.ghtml>

país que não tenha vergonha de ser popular, radical e transformador. Tarifa zero, jornada 6x1, políticas de cuidado, legalização do aborto, regulação das plataformas, concursos públicos destinados a candidatos pobres, desmilitarização da educação: tudo isso pode e deve estar no centro do debate. Porque ser realista, hoje, é entender que o maior risco é não mudar nada e não propor temas que realmente interessam às pessoas menos favorecidas da sociedade. É preciso desmentir o discurso de que "*é preciso dialogar com o centrão*". A vitória de Mamdani mostra que há espaço para uma esquerda que não tem medo de ser o que é: radical em nome da maioria.

Considerações finais

Após revisão de diversos autores ligados ao tema, este presente artigo científico traz à superfície fatos, dados e observações que sugerem que a legitimação de mentiras não ocorre apenas pelo seu impacto inicial, mas por diversos fatores, tais como:

1. **uso estratégico de repetição,**
2. **amplificação midiática,**
3. **validação institucional e**
4. **manipulação algorítmica.**

As *fake news* não são apenas falsas informações; são instrumentos de poder intencional, utilizados para enfraquecer a confiança pública, reconfigurar realidades políticas e sustentar regimes autoritários ou populistas. O incidente entre Trump e Zelensky exemplifica a complexidade do processo de legitimação de narrativas no cenário internacional. A forma como a imprensa e os líderes políticos interpretam e disseminam informações influencia diretamente a percepção pública e a formação de consensos, ressaltando a importância de uma mídia responsável e de líderes comprometidos com a verdade. Para que uma mentira política seja aceita, é fundamental que instituições públicas e privadas contribuam para sua validação. Isso acontece de três formas principais:

1. **Instituições Políticas** – Governos e partidos repetem mentiras como discursos oficiais, forçando a mídia a cobri-las.
2. **Think Tanks e Especialistas** – Organizações são criadas para produzir relatórios e estudos que "comprovam" falsas narrativas.
3. **Influenciadores e Celebidades** – Figuras públicas reproduzem desinformação, conferindo-lhe uma aparência de credibilidade.

O encontro entre Trump e Zelensky no Salão Oval da Casa Branca funcionou como uma "rotoeira" para pegar o rato despreparado midiaticamente para travar embates na Era dos *Dons Corleones* e da *Metáfora do Boliche*. O bate-boca travado naquele espaço foi minuciosamente preparado para confrontar e coagir políticos despreparados para lidar nesse novo cenário de guerra civil midiática conflagrada a partir do *colonialismo digital*. O episódio exemplifica como narrativas falsas são construídas, amplificadas e legitimadas em escala global. Cada fase do *Boliche da Desinformação* se manifestou nesse episódio:

1. **Pinos de mentira lançados** – Trump afirmou que a OTAN foi o motivo da guerra, ecoando Putin.
2. **A imprensa reagiu como uma bola monolítica** – A mídia, ao cobrir a fala, ajudou a espalhá-la, não desconstruí-la.

3. **Pinos de mentira como distrações midiáticas** – A polêmica do "terno de Zelensky" desviou o foco do debate principal.
4. **O poder institucional como reforço da versão falsa** – Republicanos validaram a tese trumpista, consolidando-a entre seus eleitores amansados.
5. **O poder da técnica do “aparecimento súbito”** – A resposta inesperada de Macron ao episódio desmontou a narrativa de realidade alternativa idealizada por Trump-Bannon.

Esse caso emblemático demonstra ainda como líderes populistas utilizam a imprensa, as redes sociais e as instituições *para fabricar realidades alternativas*, garantindo que suas versões dos fatos prevaleçam, independentemente de sua veracidade. Para tanto, o ataque ao judiciário é um elemento essencial da estratégia populista, pois permite que líderes autoritários justifiquem suas ações como “*defesa contra perseguições políticas*”, minando instituições democráticas. Diante desse desafio, regulações mais robustas sobre redes sociais, maior transparência no judiciário e reformas no processo de nomeação de juízes são essenciais para restaurar a confiança na justiça e conter a instrumentalização política de decisões judiciais.

Por que a rede social *Bluesky* é uma aposta promissora?

A *Bluesky*, rede social descentralizada idealizada por Jack Dorsey (cofundador do *Twitter/X*), é vista por alguns como uma aposta louvável por vários motivos, mas também enfrenta desafios significativos.

1. **Descentralização:** Diferente do *Twitter/X*, que é controlado por uma única empresa (e hoje reflete a visão de Elon Musk), a *Bluesky* utiliza o protocolo *AT Protocol*, permitindo que usuários escolham seus próprios servidores e regras de moderação. Isso reduz o risco de censura arbitrária e concentração de poder.
2. **Menos influência corporativa:** A promessa de um ambiente menos dominado por grandes anunciantes e algoritmos voltados apenas para engajamento pode criar um espaço digital mais saudável.
3. **Alternativa ao *Twitter/X*:** Desde que Elon Musk comprou o *Twitter* e mudou suas políticas, muitos usuários procuraram alternativas. A *Bluesky* surge como um concorrente viável, com um design semelhante ao antigo *Twitter*, mas sem a centralização extrema, indo na contramão da rede sem centros.
4. **Possibilidade de controle do feed:** Usuários podem personalizar seus algoritmos e experiências, escolhendo quais conteúdos priorizar, ao invés de depender das decisões de um sistema opaco que prioriza o engajamento acima de tudo.

Os desafios da *Bluesky*

1. **Sustentabilidade financeira:** Sem o modelo tradicional de publicidade massiva, a rede precisa encontrar formas de se manter sem comprometer seus princípios.
2. **Moderação descentralizada:** Como lidar com discursos de ódio e desinformação sem criar o caos de redes como Mastodon ou Gab, que sofrem com problemas de moderação?
3. **Adoção em massa:** Para competir com gigantes como *Twitter/X* e *Threads*, a *Bluesky* precisa atrair mais usuários e tornar a experiência mais acessível.

A *Bluesky* representa uma aposta interessante contra o monopólio das redes sociais tradicionais, mas seu sucesso dependerá de como equilibrará

1. **descentralização,**

2. moderação e
3. crescimento.

Se conseguir, pode se tornar um modelo para o futuro das redes sociais.

Referências Bibliográficas

- Camus, Renaud. Bannon: *Always the Rebel*. Paris: Gallimard, 2018.
- Couldry, Nick; Mejias, Ulises A. *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- D'Souza, Dinesh. *Hillary's America: The Secret History of the Democratic Party*. Washington, D.C.: Regnery Publishing, 2016.
- Flamino, J., Galeazzi, A., Feldman, S. et al. *Political polarization of news media and influencers on Twitter in the 2016 and 2020 US presidential elections*. Nat Hum Behav 7, 904–916 (2023). <https://doi.org/10.1038/s41562-023-01550-8>
- Green, Joshua. *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency*. New York: Penguin Press, 2017.
- Hardt, Michael; Negri, Antonio. *Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- KOSTER, Raph. *A Theory of Fun for Game Design*. 2nd ed. Sebastopol, CA: O'Reilly Media, 2013.
- Lasser, J., Aroyehun, S.T., Carrella, F. et al. *De concepções alternativas de honestidade a fatos alternativos nas comunicações de políticos dos EUA*. Nat Hum Behav 7, 2140–2151 (2023). <https://doi.org/10.1038/s41562-023-01691-w>
- Moldes, Inga F. E. R. F. *The Political Economy of the Alt-Right*. London: Routledge, 2020.
- Seabra, Geraldo A.; Santos, Luciene A.. *Do Odyssey 100 aos Newsgames: uma genealogia dos games como informação*. Online, disponível em: <https://www.amazon.com.br/Odyssey-100-aos-NewsGames-genealogia-ebook/dp/B007GMSZMA/>, 2012.
- _____. *NewsGames – Teoria Geral Aplicada dos games baseados em notícias: criando as bases narrativas de um novo modelo de Jornalismo Online*. Online, disponível em: <https://books.apple.com/us/book/newsgames-teoria-geral-aplicada-dos-games-baseados/id1047771631/>, 2014.
- Webb, Amy. *The Big Nine: How the Tech Titans and Their Thinking Machines Could Warp Humanity*. New York: PublicAffairs, 2019.
- Whitehead, John W. *Bannon's War: A History of the Rise of the Alt-Right*. Charlottesville: Rutherford Institute Press, 2018.
- Wolff, Michael. *Fire and Fury: Inside the Trump White House*. New York: Henry Holt and Company, 2018.
- Zito, Salena; Todd, Brad. *The Great Revolt: Inside the Populist Coalition Reshaping American Politics*. New York: Crown Forum, 2018.
- Zuboff, Shoshana. *Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.
- _____. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.

Simon, Robert I. Homens **Maus Fazem o que Homens Bons Sonham: Um Psiquiatra Forense Ilumina o Lado Obscuro do Comportamento Humano** Capa comum – Site Amazon, janeiro 2009.